

ISSN 18078834

BNB

Conjuntura Econômica

Periódico elaborado pelo
Escritório Técnico de Estudos
Econômicos do Nordeste

60

jul/set - 2019



**Banco do
Nordeste**

OBRA PUBLICADA PELO



PRESIDENTE

Romildo Carneiro Rolim

DIRETORES

Antônio Jorge Pontes Guimarães

Antônio Rosendo Neto Junior

Cláudio Luiz Freire Lima

Nicola Moreira Miccione

Perpetuo Socorro Cajazeiras

Sandra dos Santos Souza Lisboa

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE

Luiz Alberto Esteves

Economista Chefe

Tibério Rômulo Romão Bernardo

Gerente de Ambiente

Aírton Saboya Valente Junior

Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas

Macroeconômicos

CORPO EDITORIAL

Editor-Científico

Luiz Alberto Esteves

Editor-Chefe

Tibério Rômulo Romão Bernardo

Editor-Executivo

Aírton Saboya Valente Júnior

EQUIPE TÉCNICA

Produção Agropecuária

Wendell Márcio Araújo Carneiro

Produção Industrial

Liliane Cordeiro Barroso

Serviços e Comércio Varejista

Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Mercado de Trabalho

Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão

Comércio Exterior

Laura Lúcia Ramos Freire

Finanças Públicas, Índice de Preços e Cesta Básica

Antônio Ricardo de Norões Vidal

Nível de Atividade Econômica

Intermediação Financeira

Aírton Saboya Valente Junior

COLABORAÇÃO

Tabulação de Dados

Bruno Gabai

José Wandemberg Rodrigues Almeida

Revisão

Hermano José Pinho

Diagramação

Gustavo Bezerra Carvalho

Estagiário

João Marcos Rodrigues da Silva

Estagiário Visitante

David de Carvalho Schopfer

Jovem Aprendiz

Sarah Lucena Barros

Yago Carvalho Lima

PARTICIPAÇÃO

Nicolino Trompieri Neto

Ricardo Eleutério Rocha

Economistas, Professores da Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Pesquisadores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - NUPE.

Augusto Germano Arruda Moura

Bruno Edson Sousa Silva

Hauary Pérez Gómez

Ítalo Pereira da Rocha

Renan Antoniacomi Magalhaes

Graduandos em Economia, Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Estagiários do Núcleo de Pesquisas Econômicas - NUPE.

Banco do Nordeste do Brasil S/A

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE

Av. Dr. Silas Munguba, 5.700 - Bloco A2 - Térreo
Passaré - 60743-902 - Fortaleza (CE) - BRASIL

Telefone: (85) 3251-7177

Cliente Consulta: 0800 728 3030

Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB.

É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme lei nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004

BNB Conjuntura Econômica - Edição 60

(Julho - Setembro 2019).

Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2019

ISSN 18078834

Economia – Brasil – Nordeste – Periódico. I. Banco do Nordeste do Brasil.

CDU 33(812/814) (11)

SUMÁRIO

1 Nova Estrutura de Ponderação do IPCA.....	04
2 Nível de Atividade Econômica.....	07
3 Produção Agropecuária	10
4 Produção Industrial.....	13
5 Serviços.....	18
6 Comércio Varejista	23
7 Mercado de Trabalho.....	25
8 Comércio Exterior.....	30
9 Finanças Públicas.....	39
10 Intermediação Financeira.....	43
11 Índices de Preços.....	45

1 Nova Estrutura de Ponderação do IPCA

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os primeiros resultados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017 - 2018. A referida publicação constitui-se na principal fonte para a ponderação dos grupos de bens e serviços que compõem o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), além do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). Com 377 produtos e serviços, a nova estrutura tem seis subitens a menos que a atual, baseada na POF 2008 - 2009 e em vigor desde janeiro de 2012. As mudanças serão incorporadas a partir de janeiro de 2020 (Tabela 1).

Dentre as 16 capitais que compõem o IPCA, o Rio de Janeiro foi a que mais perdeu participação na nova estrutura, passando para 9,41%, ante 12,06% anteriormente. São Paulo (para 32,32%) e Brasília (para 4,09%) foram as capitais que mais ganharam participação. No Nordeste, Fortaleza (para 3,22%) e Aracaju (para 1,02%) foram as únicas que ganharam participação (Tabela 1).

O grupo Transportes será o principal componente do IPCA nacional, a partir de janeiro de 2020, quando responderá por 20,8% desse indicador. É a primeira vez que este grupamento supera Alimentação e bebidas, que participará com 19,0%. Mesmo se tornando o principal componente do IPCA, o grupo Transportes perdeu participação em relação à atual estrutura de ponderação do índice. Houve redução no peso do item Transporte público, que passou para 3,16%, ante 4,50% na pesquisa anterior. Adicionalmente, foram incorporados os subitens Integração transporte público (0,07%) e Transporte por aplicativo (0,21%).

No caso do Nordeste, o Grupo Alimentação e bebidas permanecerá com o maior peso (21,15%), embora tenha diminuído sua participação relativa na nova pesquisa. A maior queda ocorreu no subgrupo Alimentação no domicílio. Em relação às capitais dessa Região, o maior declínio verificou-se em Aracaju (para 20,0%), seguida por Fortaleza (para 22,06%) e São Luís (para 22,54%).

O Grupo Transporte também perdeu participação no Nordeste (para 18,74%), mas continua sendo o segundo Grupo em importância na Região, não conseguindo ultrapassar o grupo Alimentação e bebidas, a exemplo do ocorrido no Brasil.

É interessante observar que o Grupo Transporte perdeu participação, na Região Nordeste, em função da redução ocorrida em Salvador (para 18,73%). Nas demais capitais do Nordeste, que fazem parte da pesquisa, verificaram-se ganhos na participação do mencionado grupo, a exemplo de Recife (para 19,15%).

No grupo Educação, Cursos regulares e cursos diversos impactaram nos gastos das famílias, tanto no Brasil, quanto no Nordeste. Nessa Região, referido Grupo saltou da última posição (POF 2008/2009), em termos de representatividade, para a sexta (POF 2017-2018). A participação desse Grupo, no Nordeste, saltou para 5,87%, sobressaindo-se o subitem "cursos regulares". As principais variações ocorreram em Fortaleza (para 5,02%), Salvador (para 4,18%) e Recife (para 4,30%). No Brasil, houve ganho, também, da última para a sétima posição.

O grupo Saúde e cuidados pessoais manteve sua participação relativa na estrutura dos orçamentos familiares brasileiros, tendo, porém, crescido no Nordeste, para o terceiro posto, tomando a posição que era do grupo Habitação. Nessa Região, a participação do referido Grupo saltou para 14,85%. As maiores variações na Região ocorreram nos subitens Cuidados pessoais (+1,90%) e Serviços de saúde (+1,54%). Dentre as capitais do Nordeste, Aracaju teve a maior variação no mencionado Grupo (para 16,66%), seguida por Salvador (para 15,43%) e Fortaleza (para 13,59%).

O grupo Habitação manteve a mesma posição nas pesquisas (3º) para o Brasil, tendo incrementado sua participação (para 15,16%). No Nordeste, perdeu uma posição, para a quarta em participação relativa (para 14,11%). Duas capitais do Nordeste reduziram suas respectivas participações nesse Grupo: Salvador (para 13,17%) e São Luís (para 14,58%), enquanto Fortaleza detém a maior participação (para 16,17%). O aumento no Nordeste foi influenciado pelo subitem Energia elétrica residencial (+0,57%).

Tabela 1 - Nova estrutura de ponderação do IPCA

IPCA	POF 2008/2009	POF 2017/2018	Ganho/Perda
Rio Branco	0,42	0,51	0,09
Salvador	6,12	5,99	-0,13
Fortaleza	2,91	3,22	0,31
Brasília	2,8	4,09	1,29
Vitória	1,78	1,86	0,08
Goiânia	3,59	4,16	0,57
São Luís	1,87	1,62	-0,25
Belo Horizonte	10,86	9,74	-1,12
Campo Grande	1,51	1,58	0,07
Belém	4,23	3,91	-0,32
Recife	4,2	3,93	-0,27
Curitiba	7,79	8,05	0,26
Rio de Janeiro	12,06	9,41	-2,65
Porto Alegre	8,4	8,59	0,19
Aracaju	0,79	1,02	0,23
São Paulo	30,67	32,32	1,65
Nordeste	15,89	15,78	-0,11
Norte	4,65	4,42	-0,23
Sudeste	55,37	53,33	-2,04
Sul	16,19	16,64	0,45
Centro-Oeste	7,9	9,83	1,93

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IBGE.

Tabela 2 - Ordenamento dos grupos componentes do IPCA - Brasil e Nordeste

Grupo Pesquisado	Brasil		Nordeste	
	POF 2008/2009	POF 2017/2018	POF 2008/2009	POF 2017/2018
Alimentação e Bebidas	1º	2º	1º	1º
Habitação	3º	3º	3º	4º
Artigos de Residência	8º	9º	7º	9º
Vestuário	6º	8º	6º	8º
Transportes	2º	1º	2º	2º
Saúde e Cuidados Pessoais	4º	4º	4º	3º
Despesas Pessoais	5º	5º	5º	5º
Educação	9º	7º	9º	6º
Comunicação	7º	6º	8º	8º

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IBGE.

Nota: A Pesquisa POF 08/09, para São Luís e Aracaju, tem os pesos no mês de janeiro de 2019, já que entraram na pesquisa em maio de 2018.

Tabela 3 - Grupos do IPCA - Brasil, Nordeste e capitais

IPCA - Grupo Pesquisado	Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF)													
	Fortaleza		Recife		Salvador		Aracaju		São Luís		Nordeste		Brasil	
	08/09	17/18	08/09	17/18	08/09	17/18	08/09	17/18	08/09	17/18	08/09	17/18	08/09	17/18
Alimentação e Bebidas	28,64	22,06	24,08	21,42	24,39	20,30	29,19	20,00	27,18	22,54	25,65	21,15	22,08	18,99
Habitação	14,04	16,17	13,70	14,02	13,44	13,17	13,27	13,61	14,58	14,05	13,74	14,11	14,28	15,16
Artigos de Residência	5,81	4,33	6,15	4,37	5,83	4,48	4,80	3,81	3,75	5,25	5,61	4,46	5,43	4,02
Vestuário	6,53	4,83	7,79	6,04	6,74	5,84	6,57	6,06	7,36	6,77	7,04	5,79	6,23	4,80
Transportes	18,61	19,21	17,54	19,15	22,93	18,73	16,68	17,49	16,95	17,68	19,70	18,74	21,95	20,84
Saúde e Cuidados Pessoais	10,07	13,59	12,56	14,76	10,36	15,43	11,19	16,66	11,19	14,32	11,03	14,85	11,08	13,46
Despesas Pessoais	7,70	8,19	8,71	9,28	7,27	10,77	8,01	9,52	10,57	8,45	8,15	9,55	9,19	10,60
Educação	3,86	6,15	4,34	5,76	3,86	5,82	6,96	7,12	5,02	5,03	4,28	5,87	4,18	5,95
Comunicação	4,73	5,47	5,13	5,21	5,19	5,46	3,33	5,73	3,41	5,89	4,79	5,46	5,57	6,19
Peso das capitais (%) - POF 08/09	0,18	-	0,26	-	0,39	-	0,05	-	0,12	-	1,00	-	-	-
Peso das capitais (%) - POF 17/18	0,20	-	0,25	-	0,38	-	0,06	-	0,10	-	1,00	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IBGE.

2 Nível de Atividade Econômica

O BNB/ETENE projeta que o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil crescerá +1,1% em 2019, em contraste com 1,3% em 2018. Mantido o atual desempenho, a economia brasileira necessitará de três anos adicionais para recuperar as perdas da recente crise econômica.

Especificamente em relação ao Nordeste, a estimativa de crescimento do PIB é de +0,4% em 2019, em comparação com +1,2% no ano passado. Seguem as previsões para as demais regiões do País no corrente ano: Norte (+2,3%), Sul (+1,8%) e Centro-Oeste (+1,4%) deverão registrar incremento do PIB acima da média nacional em 2019, enquanto que o Sudeste (+0,9%) crescerá abaixo da média nacional. As projeções são do ETENE/LCA Consultoria, conforme detalhado na Tabela 1.

Em termos nacionais, cabe destacar a expansão da safra nacional de grãos, que deverá totalizar 240,8 milhões de toneladas, devendo ultrapassar em 6,3% a obtida em 2018, que somou 226,4 milhões de toneladas, representando, assim, incremento de 14,4 milhões de toneladas. As estimativas para a safra 2019 apontam para uma produção nacional recorde de grãos, ultrapassando a colheita de 2017, ocasião em que foram produzidos 238,4 milhões de toneladas de grãos. As informações são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Por outro lado, a produção industrial nacional caiu 1,4% no acumulado de janeiro a setembro de 2019. A perda de ritmo é devida ao expressivo declínio da indústria extrativa (-9,8%), enquanto que a indústria de transformação caiu levemente (-0,1%), de acordo com os dados especificados na Tabela 2.

O volume de vendas do varejo restrito no País expandiu +1,3% nos nove primeiros meses de 2019, enquanto que o varejo ampliado teve alta de +3,6% nessa mesma base de comparação. O volume de serviços também obteve modesta expansão no País, ou seja, +0,6% no período em análise, conforme o IBGE (Tabela 3).

Especificamente em relação ao Nordeste, deverá ocorrer incremento de 0,4% na safra de grãos dessa Região em 2019. Cabe mencionar ainda a expansão da produção regional de importantes culturas, a exemplo da mamona (+62,6%), algodão (+21,5%), milho (+16,5%) e feijão (+11,9%). Além disso, as produções de fumo (+81,1%), banana (+17,5%), amendoim (+9,4%) e tomate (+8,6%) deverão crescer, conforme o IBGE.

Por outro lado, o desempenho da indústria segue negativo no Nordeste, considerando que a produção industrial caiu 4,3% no acumulado de 2019, com queda expressiva na indústria extrativa (-6,6%), além da indústria de transformação (-4,1%). Vale ressaltar que apenas o Ceará (+1,4%), dos cinco Estados pesquisados pelo IBGE pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, apresentou incremento na produção industrial nos nove primeiros meses de 2019. Espírito Santo (-13,0%), Minas Gerais (-4,6%), Pernambuco (-3,0%) e Bahia (-2,9%) registraram quedas, conforme especificado na Tabela 2.

Quanto ao comércio, cinco Estados incrementaram as vendas no varejo restrito: Espírito Santo (+5,0%), Bahia (+1,0%), Maranhão (+0,3%), Minas Gerais (+0,2%) e Pernambuco (+0,1%). No ampliado, cabe mencionar: Espírito Santo (+4,6%), Ceará (+2,7%), Pernambuco (+1,9%), Minas Gerais (+1,8%), Bahia (+0,4%), Maranhão (+0,2%) e Rio Grande do Norte (+0,1%), conforme detalhado na Tabela 3.

Em relação aos serviços, destaque para o desempenho do Maranhão (+3,4%), além de Sergipe (+1,4%) e Pernambuco (+1,2%). Minas Gerais (+0,1%) e Espírito Santo (+0,1%) cresceram moderadamente nos nove primeiros meses de 2019 (Tabela 3).

Quanto ao mercado de trabalho, o Nordeste registrou o quarto maior crescimento do nível de emprego dentre as Regiões do País, no período de janeiro a outubro de 2019, considerando a geração de 73.696 postos de trabalho.

Todas as Unidades Federativas na área de atuação do Banco do Nordeste apresentaram saldo positivo na movimentação dos trabalhadores com carteira assinada: Bahia (+29.574), Maranhão (+11.899), Pernambuco (+9.021), Ceará (+8.082), Paraíba (+5.936), Rio Grande do Norte (+4.591), Piauí (+2.961), Sergipe (1.069) e Alagoas (+563). Quanto a Minas Gerais (+114.629) e Espírito Santo (+17.523), Estados em que parte de seus territórios faz parte da área de atuação do Banco do Nordeste, obtiveram incremento no saldo de emprego no acumulado de janeiro a outubro de 2019.

Considerando-se o desempenho econômico dos Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, seguem as previsões de crescimento do PIB para 2019: Maranhão (+1,4%); Sergipe (+1,1%); Pernambuco (+0,6%); Ceará (+0,5%); Bahia (+0,5%); Rio Grande do Norte (+0,5%); Alagoas (+0,2%); Espírito Santo (0,0%); Paraíba (-0,9%); Minas Gerais (-1,1%) e Piauí (-2,1%). A queda esperada para o PIB do Piauí e da Paraíba em 2019 ocorrerá, sobretudo, por conta dos resultados negativos nos setores de Serviços e de Comércio de ambos os Estados, conforme detalhado na Tabela 3. O desempenho do Espírito Santo (0,0%) e Minas Gerais (-1,0%) segue influenciado pelo recuo da indústria nesses Estados.

Tabela 1 - Variação (%) do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil e Regiões

Região/País	Média 2003 – 2014	2015	2016	2017	2018 ⁽¹⁾	2019 ⁽²⁾
Norte	5,0	-2,6	-4,6	3,8	3,0	1,4
Nordeste	3,9	-3,4	-4,6	1,3	0,8	0,4
Sudeste	3,2	-3,8	-3,2	0,2	1,1	0,7
Sul	3,0	-3,8	-3,2	2,4	2,4	1,4
Centro-Oeste	4,6	-2,1	-2,6	3,9	-0,3	1,0
Brasil	3,5	-3,5	-3,3	1,3	1,3	1,1

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da LCA Consultoria. Notas: (1) Estimativas. (2) Projeções.

Tabela 2 - Variação (%) da produção física industrial - Jan/set de 2019

Região/Estado/País	Variação Acumulada em 2019 - Janeiro a Setembro		
	Indústria Geral	Indústria Extrativa	Indústria de Transformação
Nordeste	-4,3	-6,6	-4,1
Ceará	1,4	n.d.	1,4
Pernambuco	-3,0	n.d.	-3,0
Bahia	-2,9	-0,6	-3,0
Minas Gerais	-4,6	-24,6	1,9
Espírito Santo	-13,0	-17,2	-8,7
Brasil	-1,4	-9,8	-0,1

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Tabela 3 - Variação (%) do volume de vendas do varejo e dos serviços - Jan/set de 2019

Estados Selecionados/País	Variação Acumulada em 2019 - Janeiro a Setembro		
	Varejo		Serviços
	Restrito ⁽¹⁾	Ampliado ⁽²⁾	
Maranhão	0,3	0,2	3,4
Piauí	-8,4	-4,2	-5,8
Ceará	-1,6	2,7	-0,8
Rio Grande do Norte	-0,6	0,1	-0,1
Paraíba	-5,5	-3,2	-1,3
Pernambuco	0,1	1,9	1,2
Alagoas	-2,9	0,0	-5,5
Sergipe	-2,1	-0,7	1,4
Bahia	1,0	0,4	-2,0
Minas Gerais	0,2	1,8	0,1
Espírito Santo	5,0	4,6	0,1
Brasil	1,3	3,6	0,6

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) O varejo restrito inclui a comercialização de oito grupos, a saber: Combustíveis e lubrificantes; Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo; Tecidos, vestuário e calçados; Móveis e eletrodomésticos; Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; Livros, jornais, revistas e papelaria; Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação; e Outros artigos de uso pessoal e doméstico. (2) O varejo ampliado inclui o varejo restrito somado com as vendas de veículos e de material de construção.

3 Produção Agropecuária

A safra nacional de grãos deverá totalizar 240,8 milhões de toneladas em 2019. Desse modo, a produção de grãos ultrapassará em 6,3% a obtida em 2018, que totalizou 226,5 milhões de toneladas, representando assim, incremento de 14,4 milhões de toneladas (Tabela 1). Quanto à área total a ser colhida, estima-se em 77,9 milhões de hectares, aumento de 1,8 milhão de hectares, ou seja, 2,4% maior em relação ao total obtido em 2018. Cabe destacar que a área colhida de grãos, nessa estimativa, representa 81,1% da área colhida total.

A previsão é que haja aumento na produção nacional em nove das quatorze culturas que são contabilizadas pelo IBGE como grãos, leguminosas e oleaginosas (Tabela 2). Das maiores lavouras nacionais de grãos, o algodão (+39,7%) e o milho (+23,2%) deverão crescer, porém estima-se que ocorra declínio na produção de arroz (-12,0%) e soja (-4,1%). Em conjunto, a participação destes quatro produtos representam 95,7% da produção e 89,6% da área colhida de grãos.

O IBGE, que fornece os dados da produção agrícola, considera outras atividades além dos grãos. Parte desses produtos deverá obter incremento para a safra nacional, a exemplo da laranja (+6,3%), banana (+5,6%) e mandioca (+3,6%). Contudo, as produções de café (-16,5%), uva (-9,8%), castanha-de-caju (-5,3%), fumo (-4,3%) declinarão, conforme especificado na Tabela 2.

Em termos regionais, o Centro-Oeste, que é a principal Região produtora de grãos no País, detentora de 44,6% da participação nacional, deverá ampliá-la ainda mais, pois terá maior crescimento de produção entre as regiões, de 10,1%. Embora o Norte represente apenas 3,9% da safra nacional, deverá apresentar o segundo melhor desempenho, de 8,4% em relação ao ano anterior. Concomitantemente, o Sul, que concentra 32,9% da produção nacional, deverá registrar o terceiro maior crescimento (+3,8%). Na mesma base de análise, a produção de grãos no Sudeste, que representa 10,1% da produção nacional, deverá ampliar em 2,3%.

O Nordeste, com 8,4% da participação da produção de grãos no País, deverá obter incremento de 0,4%. Cabe mencionar que nessa Região deverá ocorrer expansão da produção de mamona (+62,6%), algodão (+21,5%), milho (+16,5%) e feijão (+11,9%). Além disso, as produções de fumo (+81,1%), banana (+17,5%) e tomate (+8,6%) deverão crescer. Em relação à participação do Nordeste na produção nacional de algumas culturas, destacam-se castanha-de-caju (98,6%), mamona (91,6%), cacau (48,0%), banana (32,2%), uva (31,5%), algodão (27,7%), mandioca (26,2%) e tomate (11,6%).

As chuvas favoreceram o plantio de grãos em cinco das nove Unidades da Federação do Nordeste. Em Sergipe (+270,3%), Alagoas (+112,6%), Rio Grande do Norte (+13,4%), Maranhão (+11,0%), Piauí (4,5%), estima-se que ocorra aumento da produção de grãos, quando comparado com a safra de 2018.

Bahia, principal produtor de grãos no Nordeste, cuja participação na produção da Região corresponde a 48,8%, deverá apresentar declínio de 11,7% na colheita, a exemplo da soja (-15,8%), cuja participação da produção desse plantio corresponde a 50,4% do total do Nordeste; e milho (-18,4%), que detém 25,0% da produção regional. Por outro lado, o cultivo de feijão (+93,2%) deverá crescer em comparação à produção de 2018, assim como a cultura do algodão (+19,7%), que responde por 89,9% em relação ao total produzido na Região, deverá permanecer em alta. Outro Estado que apresentará declínio é Pernambuco (-20,5%).

Maranhão, segunda maior participação no Nordeste (25,6%), será favorecido pelo incremento da produção de milho (+32,1%), algodão (+13,4%) e soja (+3,3%). Cabe destacar a participação de alguns produtos desse Estado em relação ao total do Nordeste: arroz (49,4%), soja (27,2%) e milho (26,8%). Piauí, terceiro maior produtor do Nordeste, detém 23,1% da produção de grãos regional. A produção de algodão deverá aumentar (+130,5%), além de milho (+25,6%) e banana (+26,1%). O Piauí tem maior representatividade na cultura do arroz (25,4%), milho (28,2%) e soja (22,3%), em relação à produção do Nordeste.

Ceará deverá aumentar a produção de algodão (+182,9%), mamona (+93,4%) e banana (+17,3%). Cabe destacar que a colheita de grãos em Sergipe, que sofreu com a estiagem em 2018, deverá crescer 270,3% em 2019. Destaque para a expansão da safra de milho (+307,4%), arroz (+52,4%) e feijão (+34,5%).

Pernambuco (0,6%), Paraíba (0,5%), Alagoas (0,3%) e Rio Grande do Norte (0,3%) representam em conjunto, 1,7% da produção de grãos do Nordeste. Tais Estados têm pouca representação na produção de cereais, leguminosas e oleaginosas. Em contrapartida, a colheita de importantes culturas deverá obter expansão, a exemplo da produção de algodão (+101,4%) na Paraíba; banana (+25,5%) e cana-de-açúcar (+2,6%) em Pernambuco; milho (+310,1%) e fumo (+217,0%) em Alagoas; tomate (+43,4%) e milho (+30,6%) no Rio Grande do Norte.

Tabela 1 - Safra de grãos no Brasil, Nordeste e Estados selecionados em 2018 e 2019 - Em toneladas

Grandes Regiões / Estados	Safra 2018	Part. (%)*	Safra 2019	Part. (%)*	Var. (%)
Nordeste	19.112.336	8,4%	19.199.162	8,0%	0,5
Bahia	9.323.119	48,8%	8.233.928	42,9%	-11,7
Maranhão	4.431.778	23,2%	4.919.655	25,6%	11,0
Piauí	4.232.124	22,1%	4.422.902	23,0%	4,5
Sergipe	187.750	1,0%	704.975	3,7%	275,5
Ceará	632.702	3,3%	572.562	3,0%	-9,5
Alagoas	53.154	0,3%	113.020	0,6%	112,6
Pernambuco	111.230	0,6%	88.405	0,5%	-20,5
Paraíba	89.975	0,5%	84.777	0,4%	-5,8
Rio Grande do Norte	50.504	0,3%	58.939	0,3%	16,7
Centro-Oeste	101.014.565	44,6%	111.220.424	46,2%	10,1
Sul	74.511.490	32,9%	77.464.025	32,2%	4,0
Sudeste	22.877.050	10,1%	23.363.695	9,7%	2,1
Norte	8.937.740	3,9%	9.494.922	3,9%	6,2
Brasil	226.453.182	100,0%	240.742.227	100,0%	6,3

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota (1): Participação das regiões em relação ao País e participação dos Estados do Nordeste em relação a esta Região.

Tabela 2 - Principais produtos da safra agrícola no Brasil e Nordeste em 2018 e 2019 - Em toneladas

Produto	Brasil		Var. (%)	Nordeste		Var. (%)
	Safra 2018	Safra 2019		Safra 2018	Safra 2019	
Cereais e oleaginosas ⁽¹⁾	226.453.182	240.819.701	6,3	19.112.336	19.186.061	0,4
Algodão herbáceo	4.930.518	6.888.370	39,7	1.367.640	1.661.458	21,5
Amendoim	557.878	560.277	0,4	11.543	12.624	9,4
Arroz	11.736.353	10.325.864	-12,0	393.604	309.052	-21,5
Aveia	890.235	938.663	5,4	-	-	-
Centeio	8.184	9.407	14,9	-	-	-
Cevada	325.081	408.357	25,6	-	-	-
Feijão	2.973.932	3.059.597	2,9	560.118	626.932	11,9
Girassol	137.969	131.048	-5,0	-	-	-
Mamona	19.314	29.558	53,0	17.686	28.764	62,6
Milho	81.364.535	100.236.349	23,2	5.637.111	6.569.554	16,5
Soja	117.833.492	113.018.142	-4,1	11.470.906	10.438.297	-9,0
Sorgo	2.251.862	2.566.239	14,0	157.108	157.349	0,2
Trigo	5.305.067	5.303.800	0,0	30.000	30.000	0,0
Triticale	41.664	30.494	-26,8	-	-	-
Banana	6.710.436	7.088.550	5,6	2.161.655	2.539.402	17,5
Batata	3.847.037	3.842.693	-0,1	203.150	200.015	-1,5
Cacau	255.184	249.200	-2,3	122.568	119.718	-2,3
Café	3.593.165	3.001.393	-16,5	250.634	169.498	-32,4
Cana-de-açúcar	674.178.718	666.716.230	-1,1	49.153.863	48.610.025	-1,1
Castanha-de-caju	141.388	133.946	-5,3	139.342	133.041	-4,5
Fumo	794.476	760.633	-4,3	13.862	25.099	81,1
Laranja	16.677.091	17.730.619	6,3	1.368.693	1.335.712	-2,4
Mandioca	19.392.827	20.099.239	3,6	5.073.361	4.579.673	-9,7
Tomate	4.084.910	4.077.149	-0,2	473.321	514.003	8,6
Uva	1.592.242	1.435.592	-9,8	501.833	498.235	-0,7

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) Estão incluídos algodão herbáceo (61%), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, mamona, milho, soja, girassol, sorgo, trigo e triticale.

4 Produção Industrial

A produção industrial avançou 0,3% em setembro de 2019, frente ao mês anterior, segunda taxa positiva consecutiva, acumulando aumento de 1,5% no bimestre. Em relação a igual mês do ano passado, a atividade da indústria subiu 1,1%, interrompendo três meses seguidos de taxas negativas. Assim, o resultado para o terceiro trimestre do ano (julho a setembro) foi de recuo (-1,2%), ainda mais intenso do que o relativo ao do segundo trimestre (-0,8%), comparando com iguais períodos do ano anterior. Para os nove meses de 2019, acumulou redução de 1,4%, assim como na taxa anualizada, de 12 meses até setembro (-1,4%) que, neste caso, perdeu intensidade de queda frente a de agosto (-1,7%). Nesse patamar, a indústria se encontra 16,6% abaixo do nível recorde, de maio de 2011. Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A redução de 1,4% na produção industrial do período de janeiro a setembro deste ano, em relação a igual período de 2018, repercutiu taxas negativas em apenas uma das quatro grandes categorias econômicas, em 15 dos 26 ramos, 44 dos 79 grupos e 54,3% dos 805 produtos pesquisados.

Entre as grandes categorias econômicas (Gráfico 1), a redução se deu nos bens intermediários (-2,4%), pressionados, em grande parte, pela diminuição na produção das indústrias extrativas (-9,8%), diante do rompimento da barragem de rejeitos de mineração na região de Brumadinho (MG), ocorrido em janeiro de 2019. Os segmentos de bens de consumo duráveis (+1,6%), bens de capital (+0,7%) e de bens de consumo semi e não duráveis (+0,4%), mostraram crescimento. Cabe destacar, contudo, que conforme se observa no Gráfico 1, em quase todas as categorias houve significativa perda de desempenho, em 2019, se comparado ao mesmo período (acumulado de janeiro a setembro) de 2017 e 2018.

Em relação às atividades industriais, a produção extrativa intensificou as perdas no acumulado de 2019 (-9,8%), frente ao mesmo período de 2018 (-1,0%) e exerceu a maior influência negativa na composição da média da indústria, pressionada, em grande parte, pelo item minério de ferro. Também perdendo ritmo, a indústria de transformação passou de um resultado positivo, no acumulado de janeiro a setembro de 2018 (2,1%), para cair no acumulado de 2019 (-0,1%), com 14 de suas 25 atividades registrando redução. Destacaram-se negativamente (Gráfico 2): outros equipamentos de transporte (-10,9%); manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (-9,1%); impressão e reprodução de gravações (-7,9%); produtos de madeira (-5,6%); celulose e papel (-3,7%); farmoquímicos e farmacêuticos (-3,4%). Dentre as principais influências positivas, estão: produtos de metal (5,0%); bebidas (3,6%), e veículos automotores, reboques e carrocerias (2,7%).

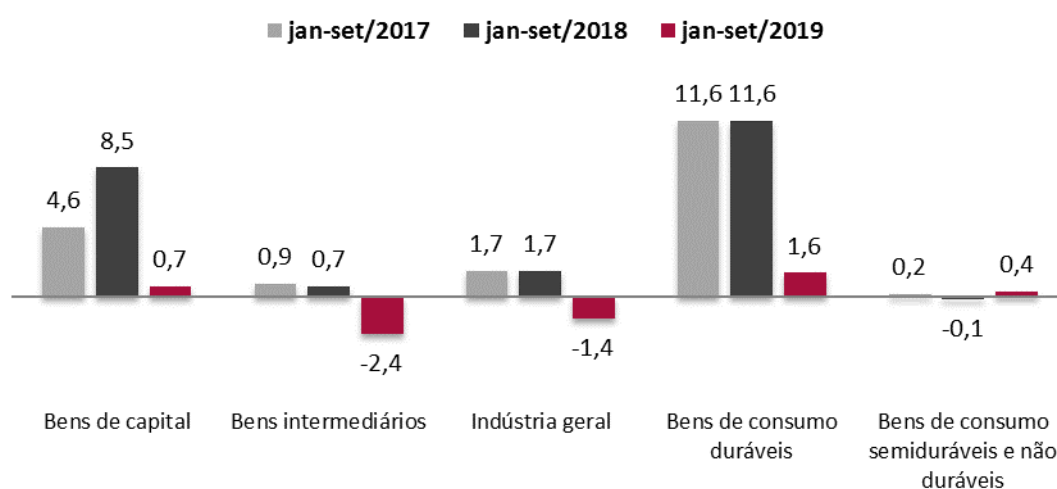
A pesquisa Sondagem Industrial, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), captou um recuo sazonal na produção de setembro, frente a agosto. Embora considerado como um mês de fraca atividade industrial, seu resultado de 2019 foi o menos negativo dos últimos cinco anos. Por conseguinte, houve apenas leve redução no número de postos de trabalho no setor, enquanto a UCI (Utilização da Capacidade Instalada) ficou inalterada pelo segundo mês consecutivo, em 69%. Ressalte-se que este percentual se encontra 5 pontos abaixo da média do mês, para os anos de 2011 a 2014 (74%).

Quanto às expectativas, comparando o resultado de outubro com o de setembro, se observa certo arrefecimento no otimismo dos empresários. Embora em geral menores, os quatro índices de expectativa seguem positivos, indicando boas perspectivas para os próximos seis meses, quanto à demanda, compras de matérias-primas, número de empregados e quantidade exportada. O índice de intenção de investimento, por seu turno, aumentou, e se encontra 4,8 pontos acima da média histórica.

Para os resultados referentes ao terceiro trimestre do ano, a pesquisa verificou melhora nas condições financeiras das empresas, com aumento nos índices de satisfação com o lucro operacional e com a situação financeira. Também houve melhora na percepção de facilidade de acesso ao crédito, mas este índice ainda se encontra no nível que reporta dificuldade de acesso a recursos financeiros. Dentre os principais problemas enfrentados pela indústria, destacaram-se: elevada carga tributária, demanda interna insuficiente e falta de capital de giro.

Para 2019, o Boletim Focus do Banco Central que vem, em geral, reduzindo a estimativa de crescimento da produção industrial, manteve sua projeção no primeiro relatório de novembro (-0,73%), frente ao último do mês de outubro (-0,73%).

Gráfico 1 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial, por grandes categorias econômicas (%) - Brasil - Variação percentual acumulada de janeiro a setembro de 2017, 2018 e 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Gráfico 2 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Brasil - Acumulado janeiro a setembro de 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

O nível de atividade industrial, no Nordeste, apresentou taxa positiva em setembro de 2019 (3,3%), frente ao mês imediatamente anterior, em intensidade superior à nacional (0,3%). Porém, nas demais bases de comparação para setembro de 2019, a indústria regional assinalou resultados negativos, com desempenho inferior ao da média do País. Em relação a setembro de 2018: -3,8% (Nordeste) e +1,1% (Brasil); no que se refere ao acumulado de janeiro a setembro: -4,3% (Nordeste) e -1,4% (Brasil); no acumulado de 12 meses: -3,5% (Nordeste) e -1,4% (Brasil). Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A evolução da indústria no acumulado dos nove primeiros meses, dos anos de 2014 a 2019, pode ser observada no Gráfico 3. Este mostra que, no ano de 2014, teve início o processo de desaceleração industrial, tanto em nível nacional (-2,7%), quanto regional (+0,1%). Os anos seguintes, de 2015 e 2016, foram caracterizados pelo agravamento da crise, também para ambos. Note-se, contudo, que a intensidade da queda foi maior para a média brasileira do que para a nordestina que chegaram, respectivamente, a -7,5% e -3,3%, em 2016, pior ano para o setor, até então. Brasil e Nordeste ensaiaram reação no nível de atividade industrial, em 2017 e 2018, neste caso com melhor desempenho da indústria nacional, frente à regional, diante da base de comparação mais reduzida. A indústria nordestina só voltou a apresentar resultado positivo no acumulado dos nove primeiros meses de 2018 (+0,9%). Mas ambos retornaram a taxas negativas em 2019, desta vez com queda maior no Nordeste (-4,3%), ante -1,4%, no Brasil.

Assim, em 5 anos, desde 2015 (Gráfico 3), a taxa de crescimento da produção industrial da Região, referente ao acumulado dos nove primeiros meses de cada ano, se mostrou positiva apenas uma vez, em 2018 (+0,9%), voltando a cair em 2019 (-4,3%), pior resultado do período.

No Nordeste, o índice de janeiro a setembro de 2019 (-4,3%) refletiu o recuo na indústria extrativa (-6,6%) e de transformação (-4,1%). Dentre as 14 atividades pesquisadas da indústria de transformação, 8 assinalaram crescimento (Gráfico 4), em especial: bebidas (+11,9%); produtos de metal (+11,0%); metalurgia (+6,6%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+6,4%), e minerais não-metálicos (+1,3%). Negativamente, tiveram maior variação: veículos, reboques e carrocerias (-15,1%); outros produtos químicos (-12,9%); celulose e papel (-12,7%), e alimentos (-7,5%).

Note-se que, assim como ocorreu no País (-9,8%), a indústria extrativa do Nordeste (-6,6%) foi responsável por puxar ainda mais para baixo a média geral da indústria regional (-4,3%). Quanto a indústria de transformação, observou-se relativa estabilidade no País (-0,1%), mas retração na Região (-4,1%).

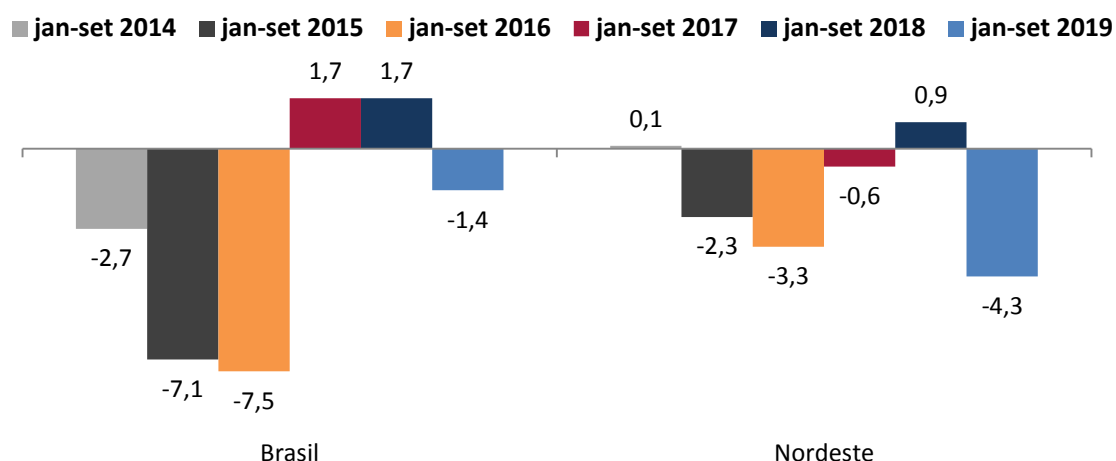
Complementando a análise do quadro industrial, a pesquisa “Sondagem Industrial”, publicada mensalmente pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), busca identificar o desempenho recente e as expectativas dos empresários para os próximos seis meses. Seus índices comumente variam de 0 a 100 pontos, considerando os 50 pontos como uma linha divisória entre resultados positivos e negativos, em relação ao mês anterior.

Dentre os resultados encontrados para o Nordeste, a Sondagem confirmou crescimento na produção em setembro (52,1 pontos), frente a agosto; estabilidade no número de pessoas empregadas, diante do índice de número de empregados (49,8) muito próximo dos 50 pontos, e UCI (Utilização da Capacidade Instalada) da indústria regional subindo 4 p.p. (pontos percentuais), de 67% para 71%. Neste patamar, a UCI ficou apenas 1 p.p. abaixo da média histórica para o mês (72%), na série iniciada em 2011, mas 4 p.p. inferior à média do mês, para o período 2011 a 2013 (75%), quando a indústria apresentou maior crescimento. Estes resultados apontam para avanços, embora ainda assinale a ociosidade industrial nordestina

O índice de intenção de investimento, captado em outubro, melhorou (de 54,1 para 57,8 pontos), contudo, os demais índices nordestinos de expectativa apresentaram, em geral, redução na passagem de setembro para outubro: demanda (de 59,7 para 58,7); compra de matérias-primas (de 55,9 para 55,1); número de empregados (de 51,4 para 50,8), e quantidade exportada (de 52,4 para 52,8). De qualquer modo, os índices de expectativa da Região permanecem acima dos 50 pontos, significando que os empresários continuam otimistas para os próximos 6 meses.

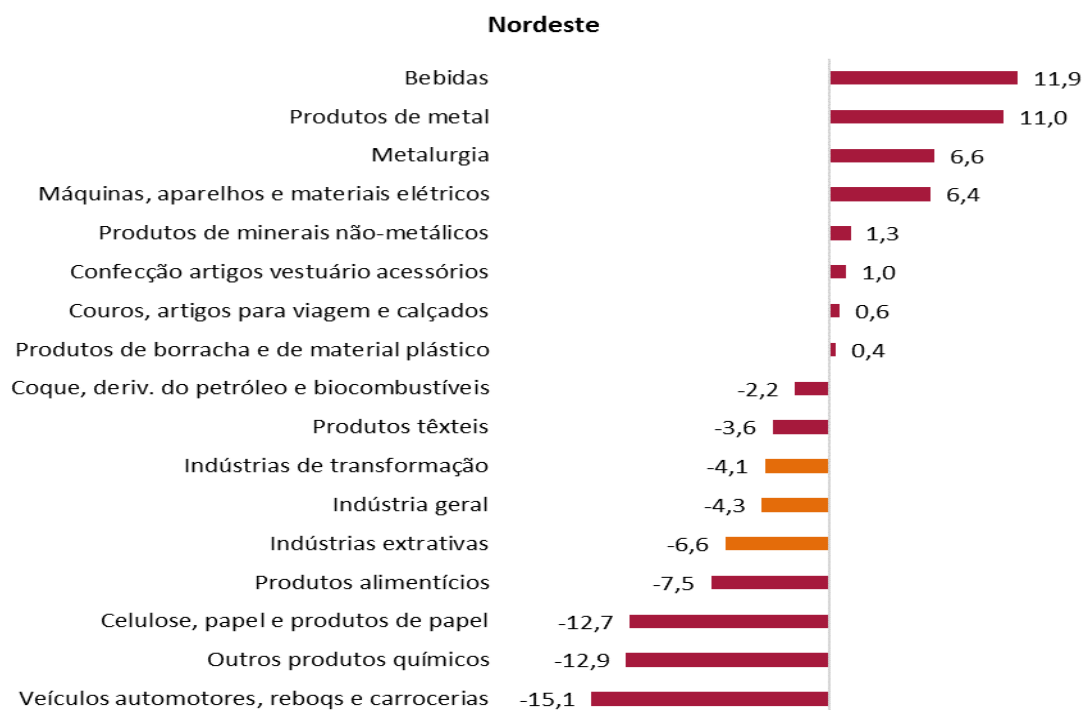
Para os resultados referentes ao terceiro trimestre do ano, a pesquisa verificou melhora nas condições financeiras das empresas, com aumento nos índices de satisfação com o lucro operacional (42,4 pontos) e com a situação financeira (46,9). Houve leve aumento na percepção de facilidade de acesso ao crédito (de 40,4 para 40,7), mas este índice ainda se encontra no nível em que os empresários reportam dificuldade de acesso a recursos financeiros, ou seja, abaixo dos 50 pontos

Gráfico 3 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial (%) - Brasil e Nordeste - acumulado de jan-set, de 2014 a 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Gráfico 4 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Nordeste - acumulado de jan-set. de 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Os dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que o nível de atividade industrial ficou negativo em oito dos quinze locais pesquisados no Brasil (-1,4%), no que se refere à taxa acumulada de janeiro a setembro de 2019, frente a igual período de 2018.

Dentre eles, o Nordeste apareceu com o terceiro pior resultado (-4,3%), depois do Espírito Santo (-13,0%) e Minas Gerais (-4,6%). No entanto, os três Estados da Região divulgados pela pesquisa tiveram melhor desempenho que a média regional (-4,3%): Ceará (+1,4%), Bahia (-2,9%) e Pernambuco (-3,0%).

A evolução da indústria dos Estados nordestinos, entre os primeiros nove meses dos anos de 2014 a 2019, pode ser observada no Gráfico 5. Este mostra que apenas o Ceará apresentou crescimento em 2019 (+1,4%). Na verdade, a trajetória da indústria cearense foi de acentuada crise em 2015 (-9,2%) e 2016 (-4,7%), mas de busca por recuperação em 2017 (+1,3%), 2018 (+0,6%) e 2019 (+1,4%). Este resultado, 6º melhor do País, pode ser atribuído, em parte, a produção do parque siderúrgico, que vem impulsionando a economia e as exportações locais, aliada à produção e exportação de equipamentos elétricos, destinados à indústria eólica. Assim, em praticamente todas as bases de comparação, referentes a setembro de 2019, o Estado assinalou resultados de estabilidade ou avanço: em relação ao mês imediatamente anterior (+0,2%), frente a setembro de 2018 (0,0%), no índice acumulado de 12 meses (+1,1%).

A produção industrial de Pernambuco, após acentuada queda em 2016 (-12,6%), registrou, respectivamente, estabilidade e crescimento, nas duas taxas seguintes, referentes aos primeiros nove meses de 2017 (0,0%) e 2018 (+7,2%). Contudo, voltou a cair em 2019 (-3,0%) e teve o pior resultado, dentre os Estados selecionados, conforme se observa no Gráfico 5. Nos demais índices relacionados a setembro, foram observados principalmente recuos: frente a setembro de 2018 (-7,6%); sob a ótica da taxa anualizada (-2,8%). Contudo, mostrou melhor desempenho em relação ao mês imediatamente anterior (+2,3%).

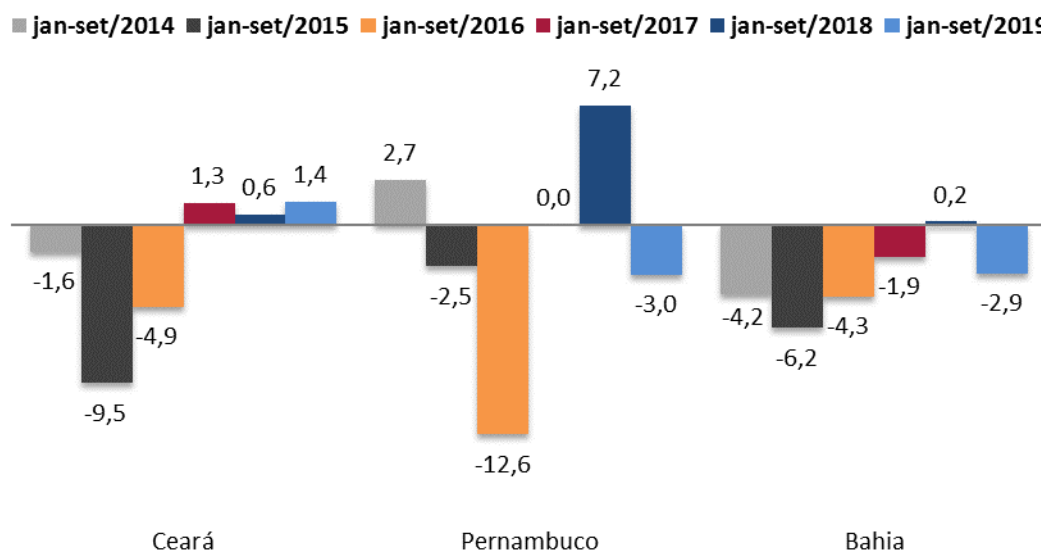
A indústria Baiana também voltou a taxas negativas no acumulado do ano até setembro, em 2019 (-2,9%). Na verdade, o Gráfico 5 assinala que, em 6 anos (desde 2014), a produção se mostrou positiva apenas em 2018 (+0,2%), o que atesta a dificuldade de reação da indústria local. Também apresentou retração em outros índices relativos a setembro: frente a setembro de 2018 (-1,4%) e na taxa anualizada (-1,5%). Em relação ao mês imediatamente anterior, contudo, teve desempenho positivo (+4,3%).

No Ceará (+1,4%), 7 das 11 atividades pesquisadas cresceram no acumulado do ano de 2019 (Gráfico 6), com especial destaque para produtos de metal (+145,7%). Em seguida, aparecem outros produtos químicos (+6,5%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+5,1%); produtos de minerais não-metálicos (+4,5%); bebidas (+4,4%); couro, artigos para viagem e calçados (+3,4%), e metalurgia (+1,6%). Recuaram, coque e derivados do petróleo (-11,6%); têxteis (-9,7%); alimentos (-9,1%), e confecções, vestuários e acessórios (-2,9%).

Em Pernambuco (-3,0%), 6 das 12 atividades avançaram (Gráfico 6): perfumaria e produtos de limpeza (+15,7%); bebidas (+14,1%); outros produtos químicos (+8,9%); borracha e material plástico (+5,5%); produtos de minerais não metálicos (+5,5%), e produtos de metal (+0,9%). Reduziram-se, principalmente: outros equipamentos de transporte (-55,8%); têxteis (-24,3%); alimentos (-10,3%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-9,1%); celulose e papel (-8,0%), e metalurgia (-1,0%).

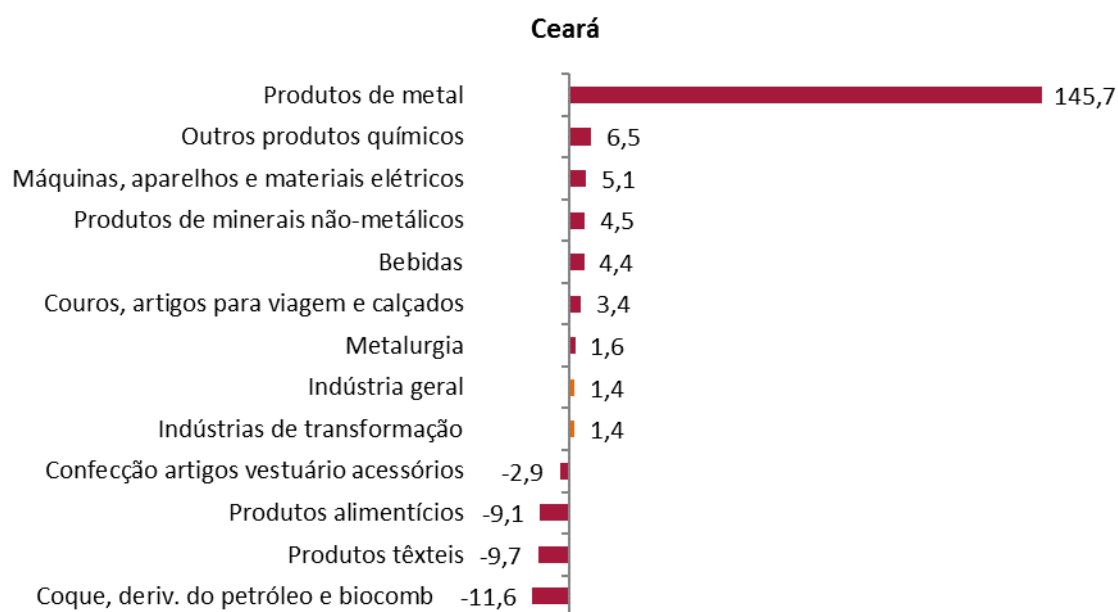
Na Bahia, a redução no acumulado do ano (-2,9%) refletiu o recuo na indústria extrativa (-0,6%) e de transformação (-3,0%). Na seção de transformação, avançaram 4 das 11 atividades pesquisadas (Gráfico 2): metalurgia (+17,6%); bebidas (+15,8%); produtos de minerais não metálicos (+14,6%), e produtos de borracha e material plástico (+1,2%). Dentre os recuos estão: outros produtos químicos (-14,4%); equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos (-11,5%); celulose e papel (-8,4%); veículos, reboques e carrocerias (-5,3%); coque e derivados do petróleo (-2,5%) e alimentos (-1,5%).

Gráfico 5 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial (%) - Ceará, Pernambuco e Bahia - acumulado jan-set, de 2014 a 2019 (Base: igual período do ano anterior)

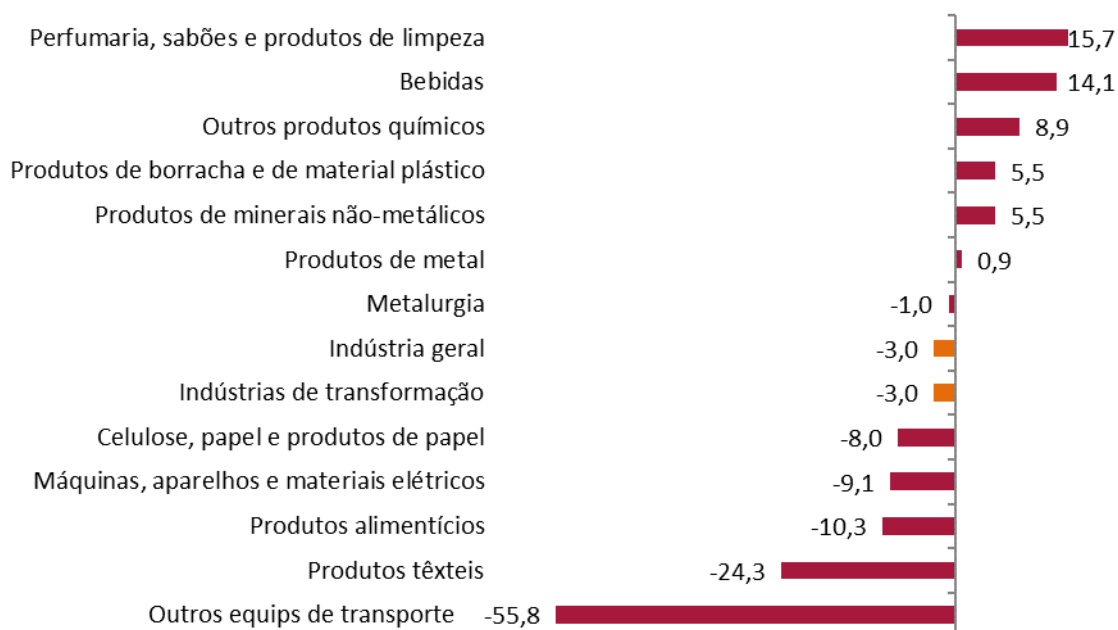


Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

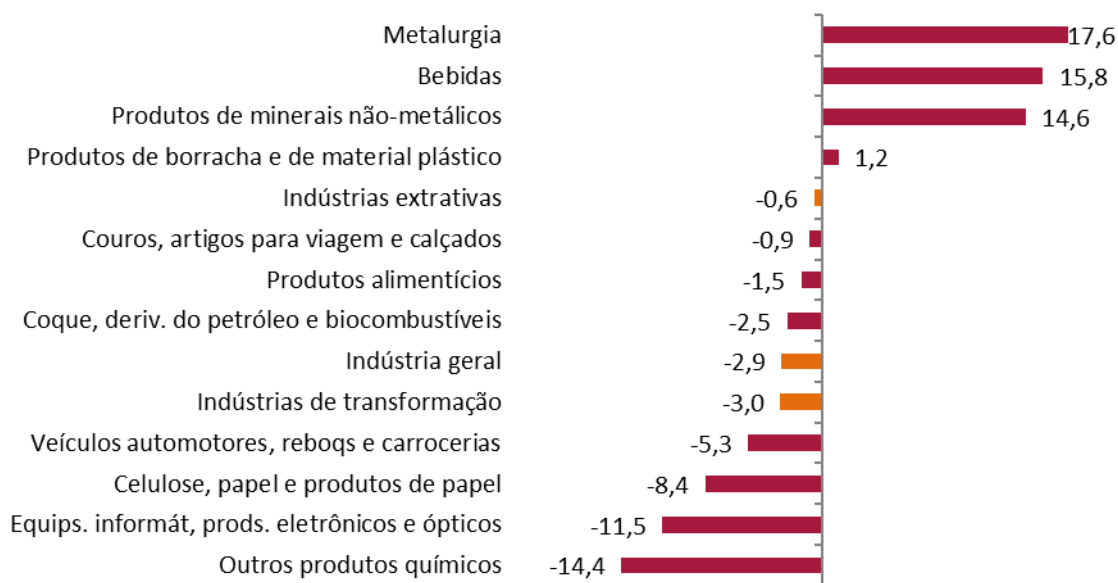
Gráfico 2 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Ceará, Pernambuco e Bahia - acumulado de jan-set de 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Pernambuco



Bahia



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

5 Serviços

Conforme divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de serviços no País registrou aumento de +1,4% comparado com mesmo período de setembro de 2018, e crescimento de +1,2% em relação a agosto de 2019. No acumulado de 2019 até o mês de setembro, percebe-se uma expansão de +0,6%, enquanto no acumulado dos 12 meses, terminados em setembro de 2019, a variação do índice foi de +0,7%.

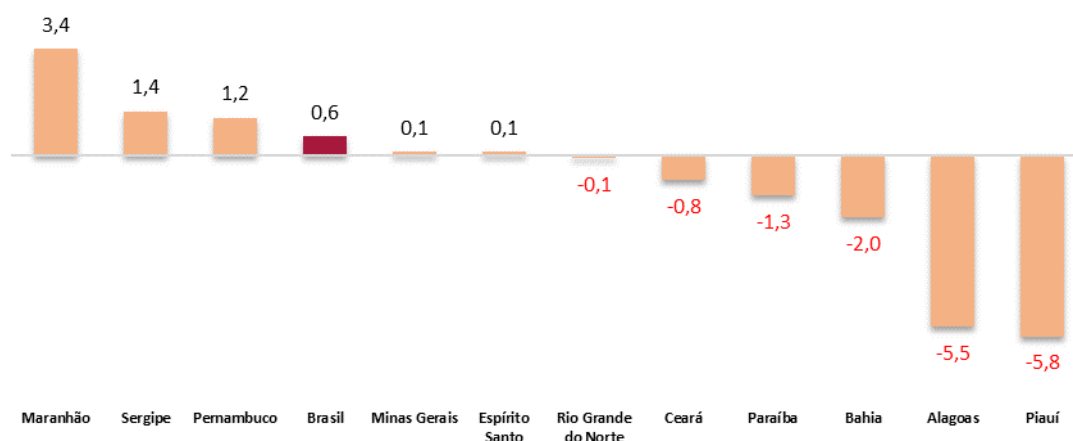
Conforme a Tabela 1, dentre os cinco grupos de serviços disponíveis para análise, pode-se perceber que registraram aumento nos primeiros nove meses de 2019: outros serviços (+5,3%), serviços prestados às famílias (+3,6%) e serviços de informação e comunicação (+2,9%). Já os declínios no setor de serviços foram apresentados nos seguintes grupos: transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-3,0%) e serviços profissionais, administrativos e complementares (-0,1%). Destacando as subatividades, percebe-se considerável crescimento em serviços de tecnologia da informação (+13,7%). Por outro lado, o transporte aéreo obteve uma forte queda (-7,9%) no acumulado de 2019.

Analisando-se os Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, apresentaram desempenho positivo e acima do crescimento do Brasil (+0,6%): Maranhão (+3,4%), Sergipe (+1,4%) e Pernambuco (+1,2%), enquanto que Espírito Santo (+0,1%) e Minas Gerais (+0,1%) expandiram abaixo da média brasileira. Registraram resultados negativos: Piauí (-5,8%), Alagoas (-5,5%), Bahia (-2,0%), Paraíba (-1,3%), Ceará (-0,8%) e Rio Grande do Norte (-0,1%), conforme o Gráfico 1.

Os dados apresentados pelo IBGE mostram as atividades e subatividades do setor de serviços de cinco Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste. No Ceará, os destaques foram: transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+3,9%), serviços prestados às famílias (+2,8%) e serviços profissionais, administrativos e complementares (+0,3%), enquanto outros serviços (-23,1%) e serviços de informação e comunicação (-3,0%) declinaram. Estas informações encontram-se detalhadas na Tabela 1.

Em Pernambuco, outros serviços (+8,7%) registram a maior alta, seguido de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+5,2%) e serviços de informação e comunicação (+0,8%), em contraste com significativa redução em serviços profissionais, administrativos e complementares (-4,1%) e serviços prestados às famílias (-2,3%). Na Bahia, os destaques foram serviços profissionais, administrativos e complementares (+3,2%) e serviços prestados às famílias (+1,2%). Por sua vez, obtiveram quedas significativas: outros serviços (-10,4%), serviços de informação e comunicação (-4,5%) e transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-2,9%).

Em Minas Gerais, outros serviços (+20,7%), serviços profissionais, administrativos e complementares (+4,0%) e serviços de informação e comunicação (+2,0%) registraram incremento, já os transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-6,0%) e serviços prestados às famílias (-0,3%) declinaram. No Espírito Santo, serviços prestados às famílias (+5,8%) e transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+3,2%) tiveram crescimento, ao contrário de serviços profissionais, administrativos e complementares (-7,2%), outros serviços (-2,5%) e serviços de informação e comunicação (-2,2%).

Gráfico 1 - Variação (%) do volume de serviços - Brasil e estados selecionados ⁽¹⁾

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro a setembro de 2019.

Tabela 1 - Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados ⁽¹⁾

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Serviços prestados às famílias	3,6	2,8	-2,3	1,2	-0,3	5,8
Serviços de alojamento e alimentação	3,6	-	-	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	3,2	-	-	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	2,9	-3,0	0,8	-4,5	2,0	-2,2
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	3,8	-	-	-	-	-
Telecomunicações	-0,8	-	-	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	13,7	-	-	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-2,9	-	-	-	-	-
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-0,1	0,3	-4,1	3,2	4,0	-7,2
Serviços técnico-profissionais	0,2	-	-	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	-0,2	-	-	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-3,0	3,9	5,2	-2,9	-6,0	3,2
Transporte terrestre	-2,7	-	-	-	-	-
Transporte aquaviário	2,3	-	-	-	-	-
Transporte aéreo	-7,9	-	-	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-3,5	-	-	-	-	-
Outros serviços	5,3	-23,1	8,7	-10,4	20,7	-2,5
Total	0,6	-0,8	1,2	-2,0	0,1	0,1

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Notas (1): Variação acumulada de janeiro a setembro de 2019. O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

6 Comércio Varejista

Segundo os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o comércio obteve um leve aumento no volume de vendas do varejo restrito e ampliado (que inclui varejo restrito mais a comercialização de veículos e material de construção) no Brasil, no acumulado dos últimos 12 meses, 1,5% do primeiro e 3,8% do segundo, respectivamente. Além disso, houve aumento de 1,3% no comércio varejista do País e 3,6% no comércio varejista ampliado no acumulado de 2019 até o mês de setembro (Gráfico 1). Na comparação do mês de setembro com o mês de agosto de 2019, o comércio varejista, no Brasil, registrou crescimento de 0,7% no volume de vendas, enquanto que o comércio varejista ampliado obteve aumento de 0,9%, para a mesma base de comparação. Quando se relaciona o mês de setembro de 2019, em relação ao mesmo período de 2018, o comércio varejista do Brasil registrou crescimento de 2,1%, enquanto que o ampliado aumentou 4,4%.

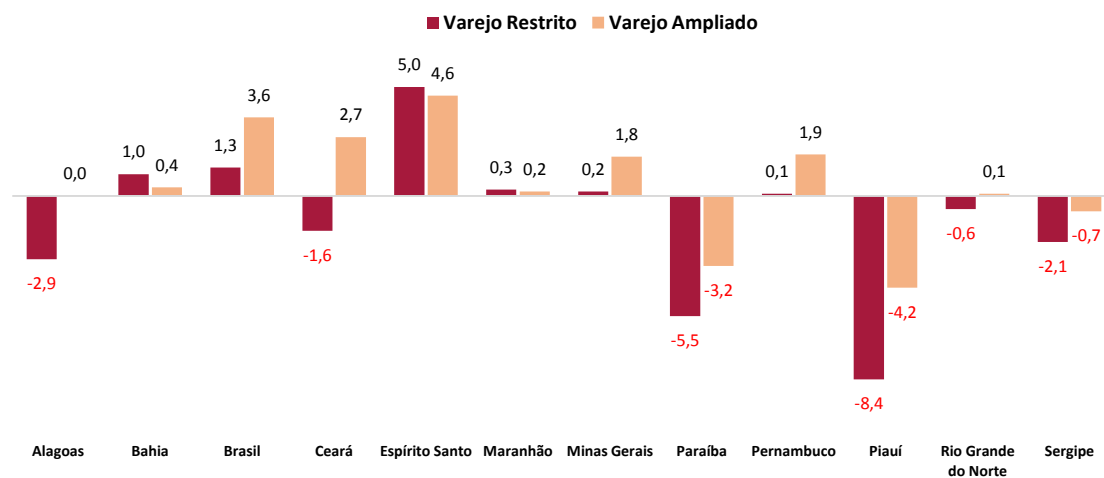
Em nível nacional, dos dez grupos pesquisados do setor de comércio, apenas três registraram queda no acumulado de 2019, são estes: livros, jornais, revistas, e papelaria (-24,4%), equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (-0,7%), tecidos, vestuários e calçados (-0,3%). Já as atividades que tiveram resultado positivo foram: veículos, motocicletas, partes e peças (+10,6%), artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+6,4%), outros artigos de uso pessoal e doméstico (+5,3%), material de construção (+3,9%), móveis e eletrodomésticos (+0,8%), combustíveis e lubrificantes (+0,5%) e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+0,3%), conforme os dados especificados na Tabela 1.

Analisando os dados do varejo restrito nos limites estaduais, percebe-se valores positivos no acumulado de 2019 para Espírito Santo (+5,0%), Bahia (+1,0%), Maranhão (+0,3%), Minas Gerais (+0,2%) e Pernambuco (+0,1%). Por outro lado, registraram queda: Piauí (-8,4%), Paraíba (-5,5%), Alagoas (-2,9%), Sergipe (-2,1%), Ceará (-1,6%) e Rio Grande do Norte (-0,6%), como demonstra o Gráfico 1.

Em relação ao varejo ampliado, Ceará (+2,7%), Pernambuco (+1,9%), Minas Gerais (+1,8%), Bahia (+0,4%), Maranhão (+0,2%) e Rio Grande do Norte (+0,1) obtiveram expansão, porém menores que a média nacional no valor acumulado de 2019. Apenas o Espírito Santo (+4,6%) apresentou valor acima da média nacional (+3,6%) no acumulado do ano. Em contrapartida, Piauí (-4,2%), Paraíba (-3,2%) e Sergipe (-0,7%) registraram contração. Alagoas (0,0%) não apresentou variação, como mostra o Gráfico 1.

O IBGE detalha o setor de varejo para cinco Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste. No Ceará, móveis e eletrodomésticos (+20,9%), veículos, motocicletas, partes e peças (+12,9%) e material de construção (+11,1%) foram os maiores destaques positivos. Em Pernambuco, cabe destacar outros artigos de uso pessoal e doméstico (+14,3%), artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+10,5%) e veículos, motocicletas, partes e peças (+9,0%). Na Bahia, a maior alta ocorreu em combustíveis e lubrificantes (+4,9%), seguido por artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+3,4%) e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+2,4%). Em Minas Gerais, a maior alta verificou-se em artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+10,2%), seguido de veículos, motocicletas, partes e peças (+9,6%) e equipamentos e materiais, informática e comunicação (+6,1%). Por fim, no Espírito Santo, artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+9,3%), tecidos, vestuário e calçados (+8,4%) e veículos, motocicletas, partes e peças (+6,4%) destacaram-se.

Gráfico 1 - Variação (%) do volume de vendas do comércio - Brasil e Estados selecionados - Acumulado em 2019 ⁽¹⁾



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) Variação acumulada de Jan-Set/2019.

Tabela 1 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades – Brasil e Estados selecionados Acumulado em 2019 ⁽¹⁾

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Comércio varejista	1,3	-1,6	0,1	1,0	0,2	5,0
Combustíveis e lubrificantes	0,5	-4,1	2,4	4,9	-5,6	5,2
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,3	-7,3	-6,8	1,0	4,4	4,0
Hipermercados e supermercados	0,7	-8,7	-5,1	-0,1	4,7	3,9
Tecidos, vestuário e calçados	-0,3	2,8	-3,7	3,2	-6,2	8,4
Móveis e eletrodomésticos	0,8	20,9	1,2	0,8	-11,7	2,1
Móveis	4,6	-4,0	-11,5	2,8	-4,5	3,0
Eletrodomésticos	-0,7	43,9	7,0	-0,2	-13,0	0,7
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	6,4	1,3	10,5	3,4	10,2	9,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	-24,4	-11,7	-22,2	-50,1	-15,3	-41,1
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-0,7	-11,1	-16,4	-21,6	6,1	53,6
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	5,3	-2,4	14,3	2,4	-8,8	4,3
Comércio varejista ampliado	3,6	2,7	1,9	0,4	1,8	4,6
Veículos, motocicletas, partes e peças	10,6	12,9	9,0	-0,4	9,6	6,4
Material de construção	3,9	11,1	-3,9	-2,3	1,5	-8,1

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) Variação acumulada de Jan-Set/2019.

7 Mercado de Trabalho

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) é um levantamento administrativo e acompanhamento mensal do Ministério da Economia que tem como objetivo monitorar e analisar a situação da mão de obra formal no Brasil, a fim de levantar dados de geração de emprego e desemprego em regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no País.

De acordo com os dados do CAGED, o Nordeste, em setembro, obteve maior saldo para o mês nos últimos seis anos, gerando 57.035 postos de emprego com carteira assinada, com acréscimo de 0,90%, em relação ao estoque do mesmo período de 2018. O resultado deriva da melhora, principalmente, dos setores da Indústria de Transformação, Agropecuária e Serviço, que juntos somaram 47.233 nos postos de trabalho. Concomitantemente, no acumulado de janeiro a setembro de 2019, o Nordeste registrou incremento de 65.113 vagas com carteira assinada, com participação intensiva do setor de Serviço (+42.015), Construção Civil (+20.633) e Agropecuária (+16.534) na contratação de mão de obra em regime celetista.

Na divisão por ramos de atividade econômica divulgados pelo IBGE, dos oito setores pesquisados, cinco registraram saldo positivo no estoque de emprego na Região Nordeste, no acumulado de janeiro a setembro de 2019. O nível de emprego aumentou em Serviços (+42.015), Construção Civil (20.633), Agropecuária (+16.534 postos), Extrativa Mineral (+697) e Administração Pública (+626). Contudo, Comércio (-11.992), Indústria (-3.245) e Serviços Industriais de Utilidade Pública (-155) apresentaram saldo negativo, no acumulado do ano.

Serviços mostrou-se na primeira colocação na geração de empregos celetistas na Região entre janeiro e setembro de 2019. A atividade foi responsável por 680.776 admissões e 638.761 desligamentos, configurando saldo positivo de 72.015 postos de trabalho (Tabela 1). Tal resultado, verificou-se, consequentemente, da expansão em cinco das seis subatividades, resultado impulsionado, principalmente, por Serviços médicos, odontológicos e veterinários, que gerou 20.701 postos (destaque na formação de 6.485 postos no Maranhão). Em setembro, o subsetor de Serviços que mais gerou emprego foi o Serviço de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação (+2.603), com destaque na formação de +849 postos em Pernambuco.

Construção Civil foi o segundo setor em criação de vagas, gerando 20.633 empregos na Região, no acumulado de 2019. Entre as nove Unidades Federativas, sete apresentaram saldo positivo, tendo apenas Ceará (-2.294) e Sergipe (-440), como os Estados que perderam postos de emprego. A atividade foi mais atuante na ampliação do quadro de pessoal na Bahia (+15.420), Piauí (+2.773), Maranhão (+2.156), Alagoas (+1.525), Pernambuco (+999), Rio Grande do Norte (+378) e Paraíba (+116). Em setembro, a maior geração de emprego nesse setor foi no Estado da Bahia (+2.145) e no Maranhão (+1.411).

A Agropecuária apresentou sinal de recuperação ao longo do ano, passando a contribuir com novos postos de trabalho no acumulado até setembro de 2019, sendo que oito Estados obtiveram aumento e somente um perdeu vagas no estoque de emprego. O setor foi responsável pela geração de 16.534 vagas com registro na CLT na Região, tendo as principais contratações ocorrido em Pernambuco (+6.344) e na Bahia (+5.016). Em setembro, o setor da Agropecuária gerou 11.507 postos de trabalhos, por conta, principalmente do início da safra de cana-de-açúcar da Região.

Cabe observar que os setores de Extrativa Mineral e Administração Pública, entre janeiro e setembro de 2019, apresentaram saldo positivo. Para Extrativa Mineral, o maior saldo foi devido à contratação no Estado da Bahia que gerou 633 postos de trabalho, assim como, Administração Pública que a ampliou nos postos de trabalho principalmente nos Estados da Bahia (+581) e Ceará (+250).

Entre janeiro a setembro de 2019, o setor de Serviços Industriais de Utilidade Pública (-155) apresentou saldo negativo, assim como a Indústria da transformação (-3.245) e o Comércio (-11.992). Cabe destacar que o setor da indústria obteve a maior contratação no mês de setembro, por causa do aquecimento do comércio e serviços para as festas de fim de ano. A Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico (+24.216) foi o subsetor que mais empregou em setembro. Cabe destacar, que o comércio foi o setor que obteve a maior perda, no acumulado do ano, devido, exclusivamente, ao Comércio Varejista que registrou, ao longo do ano, perda de 14.539 postos de trabalho.

Tabela 1 - Nordeste: Movimentação dos admitidos e desligados, por setor e subsetor

Setor	Setembro de 2019			Jan - Set/2019		
	Admitidos	Desligados	Saldos	Admitidos	Desligados	Saldos
Extrativa Mineral	715	430	285	5.417	4.720	697
Indústria de Transformação	47.597	19.986	27.611	242.427	245.672	-3.245
Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	30.970	6.754	24.216	101.561	105.316	-3.755
Calçados	3.336	1.559	1.777	18.985	18.312	673
Quím. de prod. farmacêuticos, veterinários, perfumaria	3.355	2.025	1.330	25.334	22.358	2.976
Têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	3.168	3.035	133	28.900	30.571	-1.671
Mecânica	908	789	119	9.091	8.125	966
Madeira e do mobiliário	773	674	99	6.882	7.176	-294
Papel, papelão, editorial e gráfica	723	645	78	6.360	6.919	-559
Borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	619	553	66	5.672	5.884	-212
Produtos minerais não metálicos	1.695	1.712	-17	15.231	16.514	-1.283
Material elétrico e de comunicações	267	285	-18	4.473	2.704	1.769
Metalúrgica	1.413	1.462	-49	16.018	15.290	728
Material de transporte	370	493	-123	3.920	6.503	-2.583
S. I. U. P	1.225	1.263	-38	11.883	12.038	-155
Construção Civil	24.005	19.885	4.120	202.344	181.711	20.633
Comércio	42.323	37.151	5.172	376.372	388.364	-11.992
Varejista	35.827	31.253	4.574	312.723	327.262	-14.539
Atacadista	6.496	5.898	598	63.649	61.102	2.547
Serviços	73.644	65.529	8.115	680.776	638.761	42.015
Alojamento, alimen., reparação, manutenção, redação	23.760	21.157	2.603	225.997	224.307	1.690
Com. e adm. de imóveis, valores mobi., serv. técnico	28.660	26.518	2.142	241.628	236.531	5.097
Transportes e comunicações	7.643	5.920	1.723	59.944	58.437	1.507
Médicos, odontológicos e veterinários	7.489	6.382	1.107	81.459	60.758	20.701
Ensino	5.327	4.595	732	66.701	53.543	13.158
Instituições de crédito, seguros e capitalização	765	957	-192	5.047	5.185	-138
Administração Pública	691	428	263	6.438	5.812	626
Agropecuária	21.626	10.119	11.507	125.455	108.921	16.534
Nordeste	211.826	154.791	57.035	1.651.112	1.585.999	65.113

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do CAGED.

Nota: (1) S.I.U.P. corresponde aos Serviços Industriais de Utilidade Pública.

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED foi instituído como instrumento de acompanhamento e de fiscalização do processo de admissão e de dispensa de trabalhadores em regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no País, com o objetivo de assistir os desempregados e de apoiar medidas contra o desemprego.

Tendo em vista os dados referentes entre janeiro e setembro de 2019, a Região Nordeste registrou o quarto maior crescimento entre as demais Regiões do País, com a geração de 65.113 postos de trabalho. Neste mesmo período, sete das nove Unidades Federativas do Nordeste registraram saldo positivo na movimentação dos trabalhadores com carteira assinada.

Bahia (+38.002) registrou o maior saldo positivo no Nordeste e o sexto no País, no acumulado de 2019. Entre as atividades econômicas responsáveis pelo desempenho do mercado de trabalho formal nesse Estado, sete atividades registraram saldo positivo: Construção Civil (+15.420); Serviços (+10.800, com ênfase em Serviços médicos, odontológicos e veterinários +5.552; Ensino +3.273; e Comércio e administração de imóveis, valores mobiliários, Serviços Técnicos +1.669); Indústria de Transformação (+6.441, com destaque para Indústria química e Indústria de produtos alimentícios e bebidas que geraram, respectivamente, 2.331 e 1.561 postos de trabalho); Agropecuária (+5.016); Administração Pública (+785); Extrativa Mineral (+633); e Serviços Industriais de Utilidade Pública (+562). Apenas, Comércio (-1.655) registrou saldo negativo, no acumulado de 2019.

Maranhão (+9.418) registrou saldo positivo, no acumulado de janeiro a setembro de 2019, sendo o segundo Estado com maior nível de crescimento no Nordeste, cuja variação foi de 2,02% maior em relação ao mesmo período do ano anterior. O resultado positivo foi influenciado pela atuação favorável do setor de Serviços (+7.260, com destaque para o Serviços médicos, odontológicos e veterinários que gerou 6.485 postos de emprego); Construção Civil (+2.156); Agropecuária (+363); Indústria de Transformação (+348); e Extrativa Mineral (+71). Enquanto que Comércio (-385), Administração Pública (-359) e S.I.U.P. (-36) obtiveram saldo negativo.

Pernambuco (+5.895) aumentou o nível de emprego, nos nove primeiros meses de 2019, configurando o terceiro com maior saldo positivo na Região. Tal resultado deriva do crescimento do estoque de emprego nos setores de Serviços (+7.072), Agropecuária (+6.344) Construção Civil (+999). Todavia, o Estado apresenta as maiores perdas dos postos de trabalhos nos setores da Indústria de Transformação (-4.734), Comércio (-3.400) e S.I.U.P. (-269).

O Estado do Ceará (+5.090) apresentou aumento no nível de emprego, no acumulado entre janeiro e setembro de 2019. Setorialmente, o Ceará foi impactado, positivamente, pelos setores de Serviços (+9.583), Agropecuária (+1.114), Administração Pública (+259), S.I.U.P. (+255) e Extrativa Mineral (+57). Contudo, houve perdas nos setores do Comércio (-3.038), Construção Civil (-2.294) e Indústria de Transformação (-846).

Paraíba (+4.674) obteve saldo positivo na variação entre admitidos e desligados. Cabe destacar o desempenho dos setores de Serviços (+3.513); Comércio (+735); Agropecuária (+498); S.I.U.P. (+125); Administração Pública (+15); Construção civil (+116); Extrativa Mineral (+20); e Administração Pública (+13). Entretanto, apenas a Indústria de Transformação (-346) obteve saldo negativo.

Piauí incrementou o número de vagas em regime CLT nos nove primeiros meses de 2019, tendo o saldo entre admitidos e desligados totalizado 3.299 postos de trabalho. Tal resultado foi decorrente do aumento de empregados dos seguintes setores: Construção Civil (+2.773), Agropecuária (+1.562), Indústria de Transformação (+681) e Extrativa Mineral (+83). Houve perda no setor de Serviços (-1.009, em especial o Comércio e administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnico (-1.902), S.I.U.P. (-767), Comércio (-19) e Administração Pública (-5).

Rio Grande do Norte (+2.040) apresentou saldo positivo nas contratações no acumulado dos nove primeiros meses de 2019. Serviços (+2.986), Agropecuária (+702), Construção civil (+378) e S.I.U.P. (+234) contribuíram com saldo positivo no acumulado do ano. Em contrapartida, Comércio (-1.747), Indústria de Transformação (-384), Extrativa Mineral (-99) e Administração Pública (-30) reduziram o estoque de emprego.

Sergipe (-1.065) apresentou recuo no estoque de emprego, no acumulado entre janeiro a setembro de 2019. Os setores que puxaram o saldo negativo foram: da Indústria de Transformação (-1.748), Comércio (-637), Construção Civil (-440), Agropecuária (-416) e Extrativa Mineral (-12). Contudo, Serviços (+2.074), S.I.U.P. (+78) e Administração Pública (+36) registraram acréscimo de empregos em regime CLT.

Concomitantemente, Alagoas (-2.240) registrou a maior perda de empregos na Região, no acumulado de janeiro a setembro de 2019. Cabe destacar que o Estado foi afetado, principalmente, pela perda de postos de trabalho na Indústria da Transformação (-2.657), que apresentou perdas significantes na Indústria do material de transporte (-2.494) e na Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico (-1.933). Todavia, o Estado assinalou saldo positivo na Construção civil (+1.525), Agropecuária (+1.351) e Extrativa Mineral (+21).

Tabela 2 - Brasil, Nordeste e Estados: Movimentação de admitidos e desligados - Setembro e acumulado de jan a set de 2019

Estado/Região	Setembro de 2019				Jan - Set/2019			
	Admitidos	Desligados	SalDOS	Var. (%)	Admitidos	Desligados	SalDOS	Var. (%)
Bahia	49.567	45.002	4.565	0,27	476.254	438.252	38.002	2,25
Maranhão	13.205	11.444	1.761	0,37	122.621	113.203	9.418	2,02
Pernambuco	48.820	31.190	17.630	1,43	311.601	305.706	5.895	0,47
Ceará	33.795	27.472	6.323	0,55	292.241	287.151	5.090	0,44
Paraíba	11.527	8.429	3.098	0,76	101.157	96.483	4.674	1,16
Piauí	8.460	7.293	1.167	0,40	74.781	71.482	3.299	1,13
Rio Grande do Norte	13.344	10.859	2.485	0,59	113.037	110.997	2.040	0,48
Sergipe	9.425	5.948	3.477	1,24	64.715	65.780	-1.065	-0,37
Alagoas	23.683	7.154	16.529	4,95	94.705	96.945	-2.240	-0,64
Nordeste	211.826	154.791	57.035	0,90	1.651.112	1.585.999	65.113	1,03

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do CAGED.

Tabela 3 - -Estados do Nordeste: Saldo por atividade econômica - acumulado de jan a set de 2019

Estado/Região	Setor								Total
	Extrativa mineral	Indústria de Transformação	S. I. U. P.	Construção Civil	Comércio	Serviços	Administração Pública	Agropecuária	
Bahia	633	6.441	562	15.420	-1.655	10.800	785	5.016	38.002
Maranhão	71	348	-36	2.156	-385	7.260	-359	363	9.418
Pernambuco	-77	-4.734	-269	999	-3.400	7.072	-40	6.344	5.895
Ceará	57	-846	255	-2.294	-3.038	9.583	259	1.114	5.090
Paraíba	20	-346	125	116	735	3.513	13	498	4.674
Piauí	83	681	-767	2.773	-19	-1.009	-5	1.562	3.299
Rio G. do Norte	-99	-384	234	378	-1.747	2.986	-30	702	2.040
Sergipe	-12	-1.748	78	-440	-637	2.074	36	-416	-1.065
Alagoas	21	-2.657	-337	1.525	-1.846	-264	-33	1.351	-2.240
Nordeste	697	-3.245	-155	20.633	-11.992	42.015	626	16.534	65.113

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do CAGED.

Nota: (1) S.I.U.P. corresponde aos Serviços Industriais de Utilidade Pública.

8 Comércio Exterior

A balança comercial brasileira apresentou superávit de US\$ 33.617,5 milhões, de janeiro a setembro de 2019, valor 19,5% inferior ao apresentado no mesmo período de 2018 (US\$ 41.736,7 milhões), segundo dados divulgados pelo Ministério da Economia.

No acumulado dos nove primeiros meses deste ano, as exportações totalizaram US\$ 167.205,6 milhões, queda de 5,6% frente a janeiro-setembro de 2018. Já as importações somaram US\$ 133.588,2 milhões, valor 1,3% inferior ao alcançado em mesmo período do ano anterior. A corrente de comércio do Brasil, indicador expresso pela soma dos valores exportados e importados pelo País, alcançou US\$ 300.793,8 milhões no ano contra US\$ 312.428,0 milhões no acumulado até setembro de 2018, queda de 3,7% no período em análise.

A decomposição das exportações por fator agregado (Tabela 1) mostra que, de janeiro a setembro deste ano, os Produtos Básicos representaram 52,3% da pauta exportadora brasileira, registrando queda de 0,9%, comparativamente ao mesmo período do ano passado.

Os principais produtos do grupo, Soja, mesmo triturada (US\$ 21.281,8 milhões – 12,7% da pauta total), Óleos brutos de petróleo (US\$ 17.602,1 milhões – 10,5%) e Minérios de ferro e seus concentrados (US\$ 16.597,8 milhões - 9,9%) responderam por 33,2% do valor total exportado pelo País, no acumulado de janeiro a setembro deste ano. Comparativamente a igual período de 2018, as vendas externas de Minérios de ferro cresceram 14,8%, enquanto as exportações de Soja e Óleos brutos de petróleo recuaram 22,7% e 3,1%, respectivamente. Vale ressaltar que os embarques do grão caíram 12,1%, passando de 69,1 milhões de toneladas exportadas no período de janeiro a setembro de 2018, para 60,8 milhões de toneladas, no período atual. Menor safra de soja, queda na demanda chinesa devido à peste suína e as recentes importações da China nos Estados Unidos explicam tal comportamento.

O decréscimo de 4,6% das exportações de Produtos Semimanufaturados foi causado, principalmente, pela queda de receita dos seguintes produtos: Açúcar de cana, em bruto (-US\$ 820,0 milhões), Óleo de soja em bruto (-US\$ 302,6 milhões), Celulose (-US\$ 225,2 milhões) e Couros e peles, exceto em bruto (-US\$ 221,8 milhões).

Os Produtos Manufaturados (34,9% de participação) registraram queda de 7,5% nas vendas externas no período em análise, com destaque para os seguintes produtos: Tratores (-52,4%), Açúcar refinado (-46,5%), Veículos de carga (-39,9%), Automóveis de passageiros (-33,3%) e Plataformas de perfuração ou de exploração, dragas, etc (-31,9%).

As Operações especiais, como Consumo de bordo dentro de portos (Óleos e combustíveis e demais consumo de bordo), Transações especiais e Reexportação também registraram queda, influenciando o resultado das exportações brasileiras.

Pelo lado das importações, a desagregação por grandes categorias econômicas (Tabela 2) revela que as compras de Bens Intermediários (60,0% do total) aumentaram 1,8%, no período em análise. Nessa categoria, foram importados, principalmente: Insumos industriais elaborados (38,0% da pauta), Peças e acessórios para bens de capital (11,7%) e Peças para equipamentos de transporte (7,7%). Entretanto, enquanto as importações de Insumos industriais elaborados e de Peças e acessórios para bens de capital aumentaram de 5,9% e 3,6%, respectivamente, as de Peças para equipamentos de transporte retrocederam 17,2%.

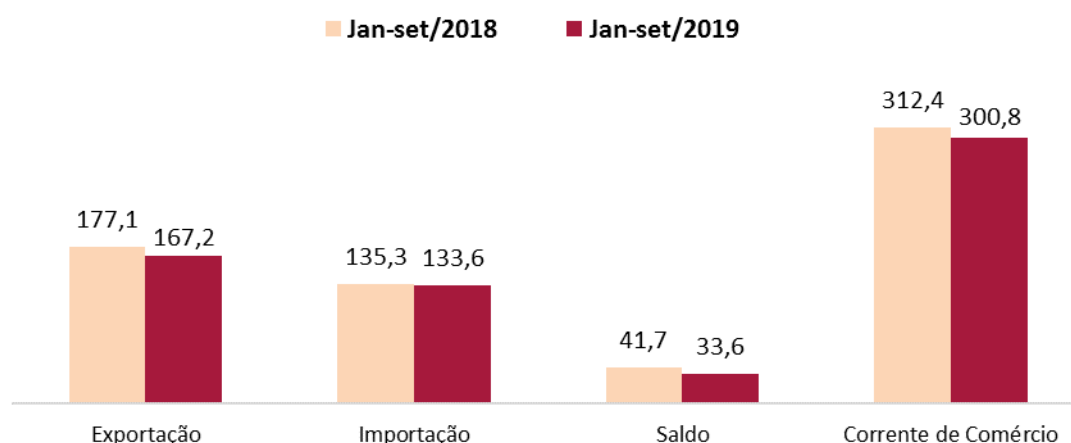
Já as aquisições de Bens de Capital retrocederam 7,2%, no período jan-set/2019 frente a jan-set/2018, com destaque para o decréscimo na aquisição de plataforma de exploração de petróleo (-39,8%).

As compras de Bens de Consumo (13,7% das importações) registraram retrocesso de 5,3%, no período em foco, sendo significativa a queda nas aquisições de Bens de Consumo Duráveis (-17,7%) devido à redução das importações de automóveis de passageiros (-26,4%).

Quanto à categoria Combustível e Lubrificante (11,4% da pauta), a retração de 3,5% foi consequência, principalmente, da redução das importações de Gás natural liquefeito (-22,5%), Demais produtos derivados do petróleo (-18,0%), Demais produtos de combustíveis (-17,6%) e Carvão mineral e gás natural (-15,2%). Em contrapartida, cresceram as aquisições de Gasolina (+ 34,0%), Óleos combustíveis, inclusive óleo diesel (+3,6%) e Óleos brutos de petróleo (+1,6%).

A previsão do saldo da balança comercial para 2019 foi revista, novamente, pelo Ministério da Economia. A nova estimativa caiu para US\$ 41,8 bilhões (em julho, era de US\$ 56,7 bilhões), motivada pelo desaquecimento do comércio global, pela guerra comercial entre Estados Unidos e China, além da crise argentina.

Gráfico 1 - Brasil: Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio – jan-set/2019/2018 - US\$ bilhões



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Ministério da Economia.

Tabela 1 - Brasil - Exportação por fator agregado - jan-set/2019/2018- US\$ milhões FOB

Fator agregado	jan-set/2019		jan-set/2018		Variação (%)
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Básicos	87.435,7	52,3	88.204,9	49,8	-0,9
Industrializados	79.761,5	47,7	85.542,2	48,3	-6,8
Semimanufaturados	21.394,2	12,8	22.417,0	12,7	-4,6
Manufaturados	58.367,3	34,9	63.125,2	35,6	-7,5
Operações especiais	8,4	0,0	3.335,3	1,9	-99,7
Total	167.205,6	100,0	177.082,4	100,0	-5,6

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Ministério da Economia.

Nota: (1) As operações especiais incluem Transações especiais, Consumo de bordo e Reexportação.

Tabela 2 - Brasil - Importação por grandes categoria econômicas - jan-set/2019/2018- US\$ milhões

Categoria econômica	jan-set/2019		jan-set/2018		Variação (%)
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Bens de capital	19.783,6	14,8	21.317,6	15,8	-7,2
Bens intermediários	80.212,0	60,0	78.767,4	58,2	1,8
Bens de consumo	18.327,5	13,7	19.354,5	14,3	-5,3
Bens de consumo não duráveis	14.290,3	10,7	14.447,5	10,7	-1,1
Bens de consumo duráveis	4.037,3	3,0	4.907,1	3,6	-17,7
Combustíveis e lubrificantes	15.212,0	11,4	15.764,2	11,6	-3,5
Bens não especificados anteriormente	53,1	0,0	141,9	0,1	-62,6
Total	133.588,2	100,0	135.345,6	100,0	-1,3

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Ministério da Economia.

As exportações nordestinas totalizaram US\$ 11.900,2 milhões no acumulado de janeiro-setembro deste ano, com queda de 11,2% em relação a mesmo período de 2018 (Gráfico 2). As importações somaram US\$ 15.191,1 milhões, registrando ligeiro recuo de 4,1%. A balança comercial nordestina, portanto, registrou deficit de US\$ 3.290,9 milhões, valor 34,2% superior ao computado em mesmo período do ano anterior (- US\$ 2.452,9 milhões).

A análise das exportações nordestinas por fator agregado (Tabela 3) mostra que todos os subgrupos apresentaram retração no volume de vendas no período em foco. As exportações de Produtos Básicos (28,8% da pauta nordestina) decresceram 5,1%. Os principais produtos do segmento foram Soja (14,2% da pauta), Algodão em bruto (2,4%) e Farelo e resíduos da extração de óleo de soja (2,1%). Comparativamente a igual período de 2018, as vendas externas de Soja e Farelo e resíduos da extração de óleo de soja decresceram 25,5% e 27,3%, respectivamente, enquanto de Algodão, em bruto, cresceram 124,0%. As exportações de soja recuaram devido, principalmente, à queda da demanda chinesa causada pela peste suína africana e à retomada de importação do grão americano pela China.

As exportações de semimanufaturados (30,3% da pauta) recuaram 10,4%, no período em análise. As vendas de Celulose (12,0% da pauta) decresceram 22,0%, enquanto, os Produtos semimanufaturados de ferro e aço (7,7%) e Demais produtos semimanufaturados (2,2%) aumentaram 1,8% e 23,0%, respectivamente.

Os produtos manufaturados são os mais significativos na pauta nordestina com 40,9% de participação. No período em análise, registraram recuo de 10,4% das vendas externas. Contribuíram para esse resultado, a queda nas exportações de Alumina Calcinada (-US\$ 256,7 milhões), Óleos combustíveis (- US\$ 201,8 milhões) e Automóveis de passageiros (- US\$ 349,9 milhões). Entretanto, parte da perda de receita foi compensada pelo incremento das exportações de Cobre, em barras, perfis, fios, chapas, folhas e tiras (+ US\$ 163,0 milhões) e de Motores, geradores e transformadores elétricos e suas partes (+ US\$ 179,5 milhões).

Os cinco principais parceiros comerciais do Nordeste absorveram 56,8% das vendas externas da Região, no acumulado do ano de 2019: China (19,7% - Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura; Pastas químicas de madeira; Cátodos e seus elementos de cobre refinado; etc); Estados Unidos (19,1% - Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço; Pastas químicas de madeira, a soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução; Alumina calcinada; etc); Argentina (6,7% - Automóveis com motor a explosão, de cilindrada superior a 1.000 cm³, mas não superior a 1.500 cm³; Automóveis com motor a explosão, 1500 < cm³ <= 3000; Alumina calcinada; etc); Canadá (6,1% - Alumina calcinada; Outros resíduos/desperdícios, de outros metais preciosos, etc; Outros açúcares de cana; etc); e Holanda (5,2% - Pastas químicas de madeira, a soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução; Pentóxido de divanádio; Mangas frescas ou secas; etc).

Comparativamente ao mesmo período de 2018, as exportações para os Estados Unidos cresceram 9,6%, enquanto as vendas para a Argentina (-46,9%), China (-26,0%), Canadá (-15,9%) e Holanda (-30,7%) decresceram.

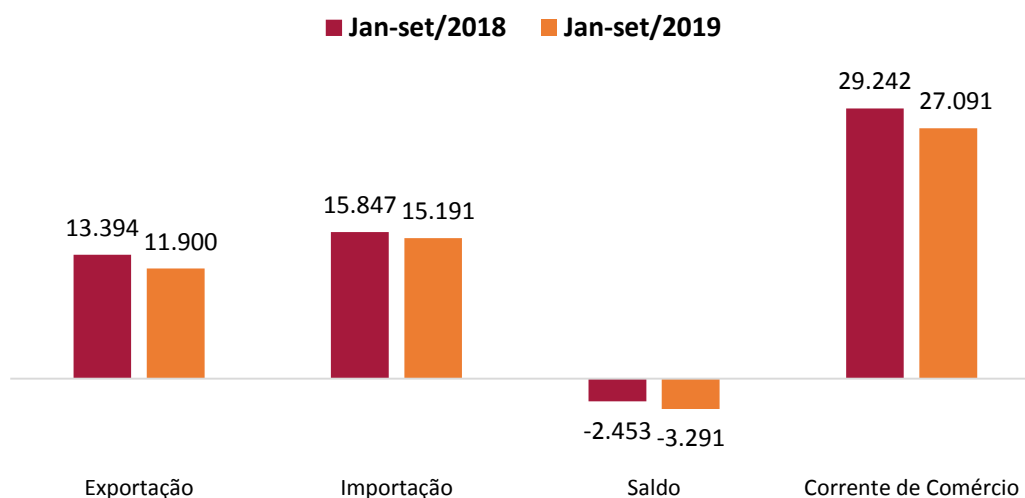
Do lado das importações nordestinas (Tabela 4), as categorias Combustíveis e lubrificantes (32,0% das aquisições) e Bens de Capital (8,6%) registraram crescimento de 11,3% e 5,6%, respectivamente, no período comparativo de jan-set/19 com jan-set/18. As demais sofreram redução nas compras: Bens intermediários (-10,9%), Bens de consumo não duráveis (-1,7%) e Bens de consumo duráveis (-51,4%).

Os principais itens importados por categoria foram: Combustíveis e lubrificantes (Óleos combustíveis, inclusive óleo diesel; Gasolina; Demais produtos derivados do petróleo); Bens de Capital (Tratores e veículos de carga; Demais bens de capital; Máquinas e equipamentos de uso geral); Bens intermediários (Produto e preparos químicos diversos; Nafta e demais produtos derivados do petróleo; Demais bens intermediários); Bens de Consumo Duráveis (Automóveis de passageiros; Eletrodomésticos; Aparelhos eletrônicos, de áudio e de vídeo) e Bens de Consumo não Duráveis (Produtos farmacêuticos e artigos médicos; Artigos de vestuário e acessórios; Demais bens de consumo não duráveis).

Os principais países de origem das importações nordestinas nos nove primeiros meses de 2019 foram: Estados Unidos (33,6% - Gasóleo (óleo diesel); Outras gasolinas, exceto para aviação; Outros propanos liquefeitos; etc); China (9,8% - Células solares em módulos ou painéis; Glifosato e seu sal de monoisopropilamina; Moduladores/demoduladores (modems); etc); Argentina (7,8% - Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura; Outros veículos automóveis com motor a diesel, para carga <= 5 toneladas; Automóveis com motor a diesel, cm³ > 2500, superior a 6 passageiros; etc); Suíça (3,1% - Outras frações do sangue, preparadas como medicamentos; Condensadores para máquinas a vapor; Caldeiras aquatubulares; etc) e Índia (3,1% - Gasóleo (óleo diesel); Querosenes de aviação; Outros fios simples de poliésteres; etc).

Ante janeiro a setembro de 2018, cresceram as compras oriundas dos Estados Unidos (+12,0%), Índia (+122,3%) e Suíça (181,0%) enquanto as da China (-5,2%) e Argentina (-16,3%) recuaram.

Gráfico 2 - Nordeste: Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio – jan-set/2019/2018 - US\$ milhões



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA.

Tabela 3 - Nordeste - Exportação por fator agregado - jan-set/2019/2018- US\$ milhões FOB

Fator agregado	jan-set/2019		jan-set/2018		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Básicos	3.429,6	28,8	3.614,6	27,0	-5,1
Industrializados	8.469,6	71,2	9.676,2	72,2	-12,5
Semimanufaturados	3.602,9	30,3	4.021,3	30,0	-10,4
Manufaturados	4.866,7	40,9	5.654,9	42,2	-13,9
Operações especiais	0,9	0,0	103,6	0,8	-99,1
Total	11.900,2	100,0	13.394,4	100,0	-11,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA.

Nota: Operações especiais: Transações especiais e Consumo de bordo, Reexportação, etc.

Tabela 4 - Nordeste - Importação por grandes categoria econômicas - jan-set/2019/2018- US\$ milhões

Grande categoria econômica	jan-set/2019		jan-set/2018		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Bens de capital	1.311,0	8,6	1.241,8	7,8	5,6
Bens intermediários	8.097,9	53,3	9.088,7	57,4	-10,9
Bens de consumo	922,2	6,1	1.150,9	7,3	-19,9
Bens de consumo não duráveis	718,2	4,7	730,8	4,6	-1,7
Bens de consumo duráveis	204,0	1,3	420,1	2,7	-51,4
Combustíveis e lubrificantes	4.858,0	32,0	4.364,2	27,5	11,3
Bens não classificados	1,9	0,0	1,7	0,0	12,8
Total	15.191,1	100,0	15.847,3	100,0	-4,1

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA.

Bahia lidera o ranking dos estados exportadores nordestinos, participando com 48,4% do total das vendas externas. No acumulado até setembro, tanto as exportações, US\$ 5.758,4 milhões, como as importações, US\$ 5.273,7 milhões, registraram queda de 7,4% e 7,9%, respectivamente, ante mesmo período de 2018. A balança comercial do Estado, entretanto, registrou superavit de US\$ 484,7 milhões. Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura (14,1%), Pasta química de madeira (12,5%) e Óleos combustíveis (9,0%) foram os principais produtos exportados pelo Estado em 2019. Comparativamente a janeiro a setembro de 2018, as vendas de Soja e Pasta química de madeira retrocederam 17,1% e 24,3%, nessa ordem, enquanto as de Óleos combustíveis cresceram 36,5%. Vale ressaltar, também, a queda de 42,3% nas vendas do Setor automotivo e o significativo aumento de 103,0% das exportações de Algodão e seus subprodutos.

No Maranhão, as vendas ao exterior (US\$ 2.587,9 milhões) registraram redução de 11,5% e as aquisições (US\$ 2.456,5 milhões) aumentaram 31,1%, no período de janeiro a setembro de 2019, frente a mesmo período do ano passado, gerando superávit de US\$ 131,4 milhões. Os principais produtos exportados pelo Estado, Alumina calcinada (36,6%), Soja (23,1%) e Pasta química de madeira (21,6%) apresentaram queda nas vendas de 21,3%, 27,8% e 19,7%, respectivamente. Em contrapartida, a retomada da operação da usina de pelotização pela Vale S.A., em São Luís, no ano passado, possibilitou o embarque de Minérios de ferro e seus concentrados no valor de US\$ 193,9 milhões, ou seja, 7,5% do total, ocupando o quarto lugar na pauta exportadora.

Ceará registrou exportações, nos nove primeiros meses do ano, no valor de US\$ 1.688,0 milhões (+8,9% frente jan-set/18) e de importações em US\$ 1.779,1 milhões (-10,7%), acumulando deficit de US\$ 91,1 milhões. Deficit menor que os US\$ 442,0 milhões somados em mesmo período do ano passado. As vendas de Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado e Produtos semimanufaturados, de outras ligas de aços alcançaram, conjuntamente, 51,0% da pauta do Nordeste, leve queda de 1,5%, no período em análise. Já os embarques de Pás eólicas e aerogeradores, com 8,8% de participação, registraram significativo aumento de 182,4% no valor das vendas externas.

Em Pernambuco, as exportações totalizaram US\$ 916,1 milhões e as importações, US\$ 3.816,2 milhões, de janeiro a setembro deste ano, resultando em deficit de US\$ 2.900,1 milhões no saldo da balança comercial. Ante o mesmo período de 2018, as exportações retrocederam 38,2% e as importações 24,2%. Os principais produtos exportados, Automóveis com motor a explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros (18,3% da pauta pernambucana), Óleos combustíveis (15,6%), Poli(tereftalato de etileno) (13,3%) reduziram suas vendas externas em 48,0%, 29,1% e 2,9%, respectivamente, no período de análise.

No Rio Grande do Norte, o saldo da balança comercial, no acumulado até setembro deste ano, registrou superavit de US\$ 212,3 milhões, decorrente de US\$ 354,3 milhões de exportações e de US\$ 142,0 milhões de importações. Frente ao mesmo período do ano passado, as exportações retrocederam 31,8% enquanto as importações cresceram 40,9%. O principal item da pauta de exportação foi Melões frescos (23,5%) que nesse período comparativo registrou crescimento de 91,5%. Em seguida na pauta, estão as vendas, consideradas temporárias, de Aviões e Turborreatores, para os Estados Unidos, que contribuíram com 9,6% e 8,2%, respectivamente.

O Piauí acumulou superávit de US\$ 144,6 milhões, de janeiro a setembro de 2019, resultado de US\$ 266,2 milhões de exportações e US\$ 121,5 milhões de importações. Relativamente ao mesmo período do ano passado, as exportações piauienses recuaram 34,3%, enquanto as importações cresceram 1,6%. Soja (78,7% da pauta do Estado) e Ceras vegetais (7,9%) registraram contração de 38,2% e 12,0%, respectivamente, no período em foco. Já as vendas externas de Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja (5,0%) mantiveram-se estáveis.

Em Alagoas, as exportações (US\$ 201,2 milhões) e importações (US\$ 474,9 milhões) aumentaram 11,0% e 6,8%, respectivamente, no período de janeiro a setembro de 2019, frente iguais meses do ano passado, gerando deficit de US\$ 273,7 milhões. Nesse período comparativo, o principal produto exportado, Outros açúcares de cana (83,9% da pauta), registrou recuo de 14,6% no valor exportado.

As exportações da Paraíba somaram, nos nove primeiros meses de 2019, US\$ 88,2 milhões e as importações alcançaram US\$ 442,6 milhões, gerando deficit de US\$ 354,4 milhões na balança comercial. Comparativamente ao mesmo período de 2018, cresceram 14,0% e 13,9%, respectivamente. As vendas externas de Calçados de borracha ou plásticos, com parte superior em tiras ou correias (48,5% da pauta) e Fios de algodão simples, de fibras penteadas (6,1%) cresceram 28,3% e 73,8%, nessa ordem. Já as exportações do produto Ilmenita (minérios de titânio) (5,5%), decresceu 56,9%, no período em análise.

Sergipe exportou US\$ 39,9 milhões, de janeiro a setembro de 2019, valor 33,7% inferior ao total registrado no mesmo período de 2018. Esse resultado decorreu, principalmente, da queda de 38,8% nas vendas de Suco de laranja (51,1% da pauta) e de 28,0% de Outros calçados (8,9%), apesar do aumento de 47,3% do valor exportado de Açúcares de cana (8,9% de participação). Já as importações (US\$ 685,0 milhões) cresceram 321,3%, nesse período, com destaque para as aquisições de Outros grupos eletrogêneos (32,7%), Condensadores para máquinas a vapor (15,0%) e Caldeiras aquatubulares (9,4%). Essas transações comerciais geraram déficit na balança comercial de US\$ 645,1 milhões.

Tabela 5 - Nordeste e Estados - Exportação, Importação e Saldo da Balança Comercial - Jan-set - US\$ milhões

Estados	Exportação			Importação			Saldo
	Valor	Part. (%)	Var % 2019/2018	Valor	Part. (%)	Var % 2019/2018	
Bahia	5.758,4	48,4	-7,4	5.273,7	34,7	-7,9	484,7
Maranhão	2.587,9	21,7	-11,5	2.456,5	16,2	31,1	131,4
Ceará	1.688,0	14,2	8,9	1.779,1	11,7	-10,7	-91,1
Pernambuco	916,1	7,7	-38,2	3.816,2	25,1	-24,2	-2.900,1
Rio Grande do Norte	354,3	3,0	-31,8	142,0	0,9	40,9	212,3
Piauí	266,2	2,2	-34,3	121,5	0,8	1,6	144,6
Alagoas	201,2	1,7	11,0	474,9	3,1	6,8	-273,7
Paraíba	88,2	0,7	14,0	442,6	2,9	13,9	-354,4
Sergipe	39,9	0,3	-33,7	685,0	4,5	321,3	-645,1
Nordeste	11.900,2	100,0	-11,2	15.191,5	100,0	-4,1	-3.291,3

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA.

Tabela 6 - Principais produtos exportados e importados - Em % - Jan-set/2019

Estados	Principais Produtos Exportados	Principais Produtos Importados
Bahia	Soja, mesmo triturada, exceto p/ semeadura (14,1%), Pasta química madeira, à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução (12,5%), Fuel oil (9,0%)	Naftas para petroquímica (23,3%), Sulfetos de minérios de cobre (9,2%), Gás natural liquefeito (7,9%)
Maranhão	Alumina calcinada (36,6%), Soja, mesmo triturada, exceto p/ semeadura (23,1%), Pasta química madeira, à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução, (21,6%),	Gasóleo (óleo diesel) (50,2%), Outras gasolinas, exceto para aviação (16,3%), Álcool etílico (9,7%)
Ceará	Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço (47,4%), Partes de outros motores/ geradores/ grupos eletrogeradores, etc. (8,8%), Castanha de caju (4,3%)	Hulha betuminosa, não aglomerada (19,5%), Outros trigos e misturas de trigo c/centeio (9,4%), Gasóleo (óleo diesel) (6,5%)
Pernambuco	Automóveis c motor a explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros (18,3%), Fuel oil (15,6%), Poli (tereftalato de etileno (13,3%)	Gasóleo (Óleo diesel) (12,5%), Outros propanos liquefeitos (10,3%), Querosenes de aviação (9,6%)
Rio Grande do Norte	Melões frescos (23,5%), Outros aviões e outros veículos aéreos (15,6%), Turborreatores (8,2%)	Outros trigos e misturas de trigo com centeio (34,6%), Polietileno linear (4,1%), Coque de petróleo não calcinado (3,9%)
Piauí	Soja, mesmo triturada, exceto p/ semeadura (78,7%), Ceras vegetais (7,9%), Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja (5,0%)	Células solares em módulos ou painéis (40,4%), Outros trigos e misturas de trigo com centeio (6,5%), Outros produtos laminados planos, de ferro ou aço (5,9%)
Alagoas	Outros açúcares de cana (83,9%), Poli (cloreto de vinila) (2,4%), Ladrilhos e placas (lajes), para pavimentação ou revestimento (2,3%)	Dicloreto de etileno (ISO) (1,2-dicloroetano) (8,3%), Alhos, frescos ou refrigerados, exceto para semeadura (4,6%), Hidróxido de sódio (soda cáustica) (3,7%)
Paraíba	Calçados de borracha/plást. c/parte superior em tiras, etc. (48,5%), Fios de algodão simples (6,15%), Ilmenita (minérios de titânio) (5,5%)	Óleos brutos de petróleo (23,7%), Outros trigos e misturas de trigo com centeio (8,4%), Outras naftas, exceto para petroquímica (7,8%)
Sergipe	Suco (sumo) de laranja, não fermentado (51,1%), Outros açúcares de cana (8,9%), Outros calçados cobrindo o tornozelo, parte superior de borracha, plástico (7,7%)	Outros grupos eletrogêneos (32,7%), Condensadores para máquinas a vapor (15,0%), Caldeiras aquatubulares (9,4%)
Nordeste	Soja, mesmo triturada, exceto p/ semeadura (14,2%), Pasta química de madeira (10,7%), Alumina calcinada (8,0%),	Gasóleo (óleo diesel) (12,1%), Naftas para petroquímica (8,1%), Outras gasolinas, exceto para aviação (5,5%)

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME.

Tabela 7 - Principais países de destino das exportações e de origem das importações - Em % - Jan-set/2019

Estados	Principais Países de Destinos das Exportações	Principais Países de Origens das Importações
Bahia	China (26,2%), Estados Unidos (10,6%), Argentina (7,8%)	Estados Unidos (17,1%), China (8,8%), Argentina (8,6%)
Maranhão	Estados Unidos (23,1%), China (21,1%), Canadá (18,6%)	Estados Unidos (61,9%), Países Baixos (Holanda) (7,0%), Emirados Árabes Unidos (6,2%)
Ceará	Estados Unidos (43,6%), México (9,9%), Itália (6,9%)	Estados Unidos (29,7%), China (17,1%), Argentina (8,3%)
Pernambuco	Argentina (22,5%), Estados Unidos (19,4%), México (8,0%)	Estados Unidos (43,2%), Argentina (10,9%), China (7,5%)
Rio Grande do Norte	Estados Unidos (35,5%), Países Baixos (Holanda) (14,7%), Reino Unido (10,9%)	Argentina (30,7%), Estados Unidos (18,4%), China (16,0%)
Piauí	China (68,4%), Alemanha (6,0%), Espanha (5,9%)	China (57,4%), Ucrânia (7,8%), Rússia (6,5%)
Alagoas	Canadá (18,6%), Argélia (17,2%), Estados Unidos (15,1%),	China (44,1%), Estados Unidos (17,1%), Argentina (5,5%),
Paraíba	França (13,1%), Colômbia (10,1%), Austrália (10,4%)	Estados Unidos (42,9%), China (14,9%), Argentina (13,2%)
Sergipe	Bélgica (27,8%), Países Baixos (Holanda) (24,6%), Colômbia (4,5%)	Suíça (47,9%), Estados Unidos (27,0%), Argentina (7,8%)
Nordeste	China (19,7%), Estados Unidos (19,1%), Argentina (6,7%)	Estados Unidos (33,6%), China (9,8%), Argentina (7,8%)

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME.

9 Finanças Públicas

A arrecadação de ICMS no Brasil alcançou R\$ 367,5 bilhões de janeiro a setembro de 2019, ante R\$ 352,0 bilhões no mesmo período de 2018, significando ganho real de 0,5%.

A concentração do ICMS é refletida na distribuição do tributo em termos regionais. O Sudeste respondeu por metade do ICMS arrecadado até o terceiro trimestre de 2019, precisamente 49,6%. A seguir, ficaram o Sul (18,0%); Nordeste (17,3%); Centro-Oeste (9,3%); e Norte (5,9%), conforme especificado na Tabela 1.

A título de comparação, segue a distribuição da população por Região: Sudeste (41,8%); Nordeste (27,5%); Sul (14,3%); Norte (8,7%); e Centro-Oeste (7,7%). Verifica-se, portanto que, em termos regionais, Sudeste, Sul e Centro-Oeste possuem participações na arrecadação de ICMS superiores, em comparação com suas respectivas porcentagens de população. No Norte e Nordeste, verifica-se o inverso, sendo que o maior hiato entre arrecadação de ICMS e população está no Nordeste e Estados dessa Região.

O ICMS cresceu +3,3% no Nordeste em termos reais nos primeiros nove meses de 2019. Nas demais regiões, verificaram-se ganhos em termos reais no Sul (+1,35) e Sudeste (+0,5%). Por outro lado, Norte (-3,6%) e Centro-Oeste (-3,0%) apresentaram perdas reais.

Três Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste obtiveram perdas reais no período em análise: Sergipe (-5,6%), Rio Grande do Norte (-1,7%) e Alagoas (-1,6%). Os ganhos reais ocorreram no Espírito Santo (+9,2%), Maranhão (+7,1%), Ceará (+6,3%), Pernambuco (+4,1%), Bahia (+3,9%), Paraíba (+3,2%), Piauí (+1,0%) e Minas Gerais (+0,7%), conforme especificado na Tabela 1.

Em termos setoriais, é importante ressaltar que a soma da arrecadação dos setores secundário, terciário, energia, petróleo, combustíveis e lubrificantes alcançou 96,4% da arrecadação total do ICMS no Nordeste nos nove primeiros meses de 2019.

Vale registrar que o setor terciário apresentou a maior participação na arrecadação do ICMS no Nordeste (41,2% na média de 2018 e 2019). A arrecadação do referido setor aumentou +0,8% na Região em termos reais em 2019, sendo que quatro Estados obtiveram perdas reais: Piauí (-4,3%), Alagoas (-2,1%), Sergipe (-1,9%) e Bahia (-1,8%). Os maiores crescimentos nesse segmento ocorreram no Rio Grande do Norte (+3,4%), Maranhão (+3,0%), Paraíba (+3,0%) e Pernambuco (+3,0%).

A arrecadação no setor secundário, que participou com 20,0%, do total obtido no Nordeste nos nove primeiros meses, na média de 2018 e 2019, aumentou +5,8% em termos reais. Os destaques para o incremento na arrecadação desse setor foram Maranhão (+18,9%), Pernambuco (+9,1%), Paraíba (+6,2%) e Bahia (+6,1%). O único Estado a apresentar perda real foi o Rio Grande do Norte (-8,1%).

O setor de petróleo, combustíveis e lubrificantes, que obteve participação de 23,0% na arrecadação total do Nordeste no período em análise, apresentou crescimento de 4,2% em termos reais. As maiores variações foram verificadas no Ceará (+19,1%), setor com a maior contribuição na arrecadação total desse Estado, Maranhão (+11,2%) e Pernambuco (+5,7%). Quatro Estados apresentaram perdas: Alagoas (-16,8%), Rio Grande do Norte (-12,1%), Sergipe (-5,9%) e Paraíba (-1,7%).

O segmento de energia, com 12,3% de participação no total arrecadado do Nordeste, registrou ganho real de +4,8% no período em análise. Os destaques ocorreram na Bahia (+14,1%), Paraíba (+12,0%), Piauí (+5,9%) e Rio Grande do Norte (+5,4%). As perdas reais verificaram-se no Maranhão (-7,1%), Alagoas (-4,4%) e Sergipe (-3,8%).

Tabela 1 - Arrecadação de ICMS Estados selecionados e regiões - R\$ milhões

Estado/Região	2018	Part. (%)	2019	Part. (%)	Var. (%)	Variação Real (%)
Alagoas	2.918	0,8	2.983	0,8	2,2	-1,6
Bahia	16.789	4,8	18.113	4,9	7,9	3,9
Ceará	8.706	2,5	9.614	2,6	10,4	6,3
Maranhão	5.092	1,4	5.663	1,5	11,2	7,1
Paraíba	4.049	1,2	4.342	1,2	7,2	3,2
Pernambuco	11.697	3,3	12.646	3,4	8,1	4,1
Piauí	3.166	0,9	3.321	0,9	4,9	1,0
Rio Grande do Norte	4.171	1,2	4.260	1,2	2,1	-1,7
Sergipe	2.613	0,7	2.562	0,7	-2,0	-5,6
Nordeste	59.200	16,8	63.504	17,3	7,3	3,3
Norte	21.631	6,1	21.650	5,9	0,1	-3,6
Sudeste	174.531	49,6	182.174	49,6	4,4	0,5
Espírito Santo	7.513	2,1	8.522	2,3	13,4	9,2
Minas Gerais	36.662	10,4	38.334	10,4	4,6	0,7
Sul	62.745	17,8	66.036	18,0	5,2	1,3
Centro-Oeste	33.914	9,6	34.173	9,3	0,8	-3,0
Brasil	352.021	100,0	367.538	100,0	4,4	0,5

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central do Brasil e Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz).

Tabela 2 - ICMS: Participação (%) Setorial na Arrecadação Estadual - Média de jan/set de 2018 e 2019

Estado/Região	Primário	Secundário	Terciário	Energia	Petróleo	Dívida Ativa e Outras
Alagoas	0,05	33,98	42,33	11,74	9,39	2,52
Bahia	0,56	25,32	35,36	12,03	23,37	3,36
Ceará	0,06	19,71	38,94	13,19	24,30	3,81
Maranhão	0,50	14,37	37,03	12,47	31,73	3,91
Paraíba	0,15	14,50	45,22	13,18	22,62	4,32
Pernambuco	0,09	16,28	51,63	11,88	19,26	0,85
Piauí	6,82	13,55	32,36	14,56	32,52	0,19
Rio Grande do Norte	1,82	15,58	48,10	11,26	23,23	0,00
Sergipe	4,74	22,54	39,34	10,39	19,03	3,95
Nordeste	0,93	20,00	41,16	12,29	22,99	2,63

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central do Brasil e Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz).

As Transferências Fiscais representam repasses de verbas entre instituições públicas, a exemplo do Fundo de Participação dos Estados (FPE) e do Fundo de Participação dos Municípios (FPM).

Tanto o FPE quanto o FPM são oriundos de um percentual da receita obtida com o Imposto de Renda (IR) e com o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), sendo 21,5% para o FPE e 24,5% para o FPM. Dos valores distribuídos para os fundos, deduz-se 20,0% para o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb).

Os repasses para os Estados e municípios são determinados, principalmente, pela dimensão da população e pelo nível de renda per capita dos entes federativos. Os recursos variam diretamente em relação ao tamanho da população e inversamente em comparação com a renda per capita. Ressalte-se que as Unidades Federativas das regiões de menor desenvolvimento econômico, a exemplo do Nordeste, dependem de forma substancial dos repasses constitucionais.

O FPE no Brasil totalizou R\$ 58,2 bilhões de janeiro a setembro de 2019, ante R\$ 53,2 bilhões em iguais meses de 2018, conforme a Tabela 3. O crescimento real do FPE, descontada a inflação do período, foi de +5,2%. Os dados são da Secretaria do Tesouro Nacional (STN).

O FPE para os Estados do Nordeste alcançou R\$ 30,4 bilhões nos nove primeiros meses de 2019, aumento real de +5,2% em comparação com o mesmo período de 2018. A Região recebeu 52,2% do total desse Fundo no corrente ano.

Todas as Unidades Federativas do Nordeste obtiveram crescimento real no volume de recursos do FPE em 2019, em comparação com 2018. Bahia (R\$ 5,4 bilhões), Ceará (R\$ 4,2 bilhões), Maranhão (R\$ 4,2 bilhões) e Pernambuco (R\$ 4,0 bilhões) obtiveram 58,6% dos valores destinados ao Nordeste. Seguiram Paraíba (R\$ 2,7 bilhões), Piauí (R\$ 2,5 bilhões), Alagoas (R\$ 2,5 bilhões), Rio Grande do Norte (R\$ 2,4 bilhões) e Sergipe (2,4 bilhões), com 41,4% do total.

O FPM no País somou R\$ 65,2 bilhões nos nove primeiros meses desse ano, em comparação com R\$ 59,8 bilhões em 2018 (Tabela 3). O crescimento real foi +5,1%. O FPM para o Nordeste totalizou R\$ 23,0 bilhões, crescimento real de +4,9%, em comparação com iguais meses de 2018 (Tabela 3).

O Nordeste recebeu 35,3% do total dos recursos do FPM em 2019. Todas as Unidades Federativas dessa Região obtiveram crescimento real no volume de recursos do FPM em 2019, em comparação com 2018. Bahia (R\$ 6,0 bilhões), Ceará (R\$ 3,2 bilhões), Pernambuco (R\$ 3,2 bilhões) e Maranhão (R\$ 2,7 bilhões) foram beneficiados com 65,9% do total de recursos destinados à Região. Seguiram Paraíba (R\$ 2,0 bilhões), Piauí (R\$ 1,7 bilhão), Rio Grande do Norte (R\$ 1,6 bilhão), Alagoas (R\$ 1,5 bilhão) e Sergipe (R\$ 974 milhões), com 34,1% do total do FPM destinado ao Nordeste.

O FPM destinado para as capitais atingiu R\$ 6,5 bilhões até o terceiro trimestre de 2019, aumento de +5,1% em termos reais, em relação a 2018. O FPM para as capitais do Nordeste alcançou 3,0 bilhões, com crescimento real de +4,3%, comparado com 2018.

As capitais do Nordeste foram beneficiadas com 46,2% do total de recursos alocados pelo FPM Capitais, até setembro de 2019. Fortaleza (R\$ 558 milhões), Salvador (R\$ 502 milhões), Recife (R\$ 351 milhões), São Luís (R\$ 348 milhões) e Teresina (R\$ 348 milhões) obtiveram 70,0% do total do FPM Capitais destinado ao Nordeste. Seguiram Maceió (R\$ 279 milhões), João Pessoa (R\$ 223 milhões), Natal (R\$ 201 milhões) e Aracaju (R\$ 201 milhões), com 30,0% dos recursos desse Fundo destinado ao Nordeste nos nove primeiros meses de 2019.

As previsões para 2019 do Tesouro Nacional indicam um crescimento nominal do FPE no País de 5,45%, enquanto que no Nordeste o incremento deverá totalizar 5,63%. Para o FPM, o crescimento esperado é de 5,69%, conforme especificado na Tabela 4.

Tabela 3 -FPE e FPM - Brasil, Nordeste e Estados - 2018 e 2019 - R\$ Milhões ⁽¹⁾

País/Região/Estado	FPE		FPM		FPM Capitais	
	2018	2019	2018	2019	2018	2019
Alagoas	2.233	2.458	1.358	1.480	257	279
Bahia	4.970	5.411	5.494	5.986	463	502
Ceará	3.877	4.219	2.973	3.238	515	558
Maranhão	3.824	4.173	2.514	2.737	322	348
Paraíba	2.538	2.750	1.878	2.047	206	223
Pernambuco	3.650	3.990	2.943	3.206	324	351
Piauí	2.299	2.519	1.590	1.732	322	348
Rio Grande do Norte	2.208	2.430	1.482	1.615	185	201
Sergipe	2.193	2.402	895	974	185	201
Nordeste	27.792	30.351	21.126	23.014	2.781	3.011
Espírito Santo	827	915	1.068	1.198	103	134
Minas Gerais	2.389	2.613	7.850	8.559	309	335
Brasil	53.233	58.165	59.761	65.205	5.976	6.520

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da STN.

Nota: (1) Os valores referem-se a jan/set de 2018 e 2019.

Tabela 4 - Previsões para o FPE e FPM em 2020

Estado/Região	FPE		FPM	
	2019 ¹	2020 ²	2019 ¹	2020 ²
Alagoas	3.249	3.423	2.024	2.139
Bahia	7.153	7.566	8.189	8.655
Ceará	5.577	5.891	4.430	4.682
Maranhão	5.516	5.835	3.745	3.958
Paraíba	3.635	3.857	2.800	2.960
Pernambuco	5.274	5.573	4.385	4.635
Piauí	3.330	3.510	2.369	2.504
Rio Grande do Norte	3.213	3.378	2.209	2.335
Sergipe	3.175	3.346	1.333	1.409
Nordeste	40.121	42.379	31.485	33.277
Espírito Santo	1.210	1.278	1.639	1.732
Minas Gerais	3.454	3.646	11.709	12.375
Brasil	76.889	81.082	89.205	94.281

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da STN.

Notas: (1) Inclui as previsões de outubro a dezembro. (2) Previsões a partir do PLOA-2020.

10 Intermediação Financeira

Conforme os dados do Banco Central, o saldo das contratações de crédito do sistema financeiro nacional atingiu R\$ 3,36 trilhões em setembro, crescimento de +3,2%, no acumulado dos nove primeiros meses de 2019. Assim, verificou-se incremento no crédito livre (+8,0%), em grande parte destinada as famílias (+11,3%) e, em menor intensidade, direcionado às empresas (+4,1%). Nesse cenário, a relação crédito/PIB atingiu 47,6%.

As concessões da carteira de pessoas físicas alcançaram R\$ 1,93 trilhão de janeiro a setembro de 2019, tendo expandido +11,3% em 12 meses e +7,7% nos primeiros nove meses de 2019. Por outro lado, verificou-se queda na carteira de pessoas jurídicas de -0,9% em 12 meses e declínio de -2,4% no acumulado de 2019 até setembro. Assim, o saldo da referida carteira atingiu R\$ 1,43 trilhão.

Os recursos direcionados, que possuem taxas de juros preferenciais para alguns setores da economia, apresentaram redução de -2,4% nos últimos 12 meses e queda de -2,4% no acumulado de 2019. Referido declínio decorreu da performance da carteira de crédito de pessoa jurídica, que apresentou recuo de -12,6% nos últimos 12 meses, além de redução de 10,5% nos nove primeiros meses do corrente ano. Os recursos livres, que correspondem às operações de crédito contratadas no período de referência com taxas de juros livremente pactuadas entre mutuários e instituições financeiras, por sua vez, aumentaram nos últimos 12 meses (+13,1%), e nos nove primeiros meses de 2019 (+8,0%). A razão da expansão do crédito livre foi decorrente, principalmente, do crédito destinado a pessoa física que expandiu +16,3% e pessoa jurídica que ampliou +9,3% nos últimos 12 meses.

A taxa média geral de juros do crédito do sistema financeiro situou-se em 24,5% a.a. em setembro, ou seja, 0,3 pontos percentuais (p.p.) acima em relação ao mesmo mês de 2018. O spread médio das operações contratadas, que representa a diferença entre a remuneração entre a taxa de juros de captação e de aplicação das operações de crédito, situou-se em 19,4 p.p., sinalizando trajetória de expansão nos últimos 12 meses (+2,2 p.p.).

Regionalmente, consideradas as operações acima de R\$ 1 mil, ocorreu expansão no saldo de crédito no acumulado dos últimos 12 meses, no Norte (+10,4% ou R\$ 12,9 bilhões), Centro-Oeste (+8,7% ou R\$ 31,5 bilhões), Sul (+8,2% ou R\$ 48,4 bilhões), Nordeste (+7,6% ou R\$ 31,5 bilhões) e no Sudeste (+4,3%, ou R\$ 70,3 bilhões).

Especificamente no Nordeste, o saldo de crédito alcançou R\$ 445,4 bilhões, representando elevação de +7,6% nos últimos 12 meses e +5,4% nos primeiros nove meses de 2019. As operações de crédito destinadas para pessoas físicas aumentaram +11,2% nos últimos 12 meses e +8,3% no acumulado de 2019. Quanto ao crédito para pessoas jurídicas, cujos recursos são essencialmente direcionados para a produção (investimentos e capital de giro), verificou-se incremento de 0,4% em 12 meses e recuo de 0,5% nos primeiros nove meses de 2019.

Dentre os Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, o saldo das operações de crédito nos últimos 12 meses foi crescente na Bahia (+12,2%), Piauí (+9,3%), Paraíba (+8,5%) e Maranhão (+7,6%), todos com crescimento acima da média do Nordeste (+7,6%). Espírito Santo (+7,5%), Alagoas (+7,3%), Sergipe (+6,2%), Minas Gerais (+6,1%) e Ceará (+5,6%) ficaram acima do crescimento médio nacional (+4,6%). Rio Grande do Norte (+3,9%) e Pernambuco (+3,8%) expandiram, porém abaixo do incremento regional e nacional.

A taxa de inadimplência do Nordeste registrou 3,63% em setembro ante 3,05% no País. Na área de atuação do Banco do Nordeste, Paraíba (4,56%), Espírito Santo (4,23%), Alagoas (4,00%), Bahia (3,79%) e Pernambuco (3,73%) apresentaram inadimplência acima da média regional. Rio Grande do Norte (3,63%), Maranhão (3,48%), Piauí (3,26%), Sergipe (3,16%) e Ceará (3,07%) obtiveram inadimplência abaixo da média do Nordeste. Minas Gerais (2,39%) registrou inadimplência abaixo da média nacional.

Tabela 1 - Operações de crédito do sistema financeiro nacional

Período	Saldos (em R\$ trilhões)			Concessões médias			Taxas (%) de juros a.a.			Prazos concessões (Meses)			Inadimplência (%)		
	PF	PJ	Total	PF	PJ	Total	PF	PJ	Total	PF	PJ	Total	PF	PJ	Total
Jan	1,43	1,81	3,23	125,6	178,8	304,4	16,2	30,5	24,7	71,2	171,2	123,9	2,5	3,3	2,9
Fev	1,43	1,82	3,24	130,9	175,0	305,8	15,8	31,2	25,0	68,9	172,4	123,9	2,4	3,3	2,9
Mar	1,44	1,83	3,27	144,2	176,3	320,5	15,9	31,7	25,3	72,6	171,6	125,3	2,5	3,4	3,0
Abr	1,42	1,85	3,27	138,1	190,2	328,3	15,8	31,7	25,3	64,4	169,8	120,8	2,6	3,4	3,0
Mai	1,42	1,86	3,29	154,4	200,1	354,5	15,7	31,5	25,2	58,8	169,2	117,9	2,6	3,4	3,0
Jun	1,42	1,87	3,30	155,2	187,2	342,4	15,0	31,7	25,1	65,4	170,7	122,3	2,4	3,3	2,9
Jul ⁽¹⁾	1,40	1,89	3,29	146,9	208,0	354,9	15,1	31,4	25,0	55,3	169,8	117,4	2,5	3,4	3,0
Ago ⁽¹⁾	1,41	1,91	3,33	154,7	202,6	357,4	15,0	31,6	25,1	59,5	168,3	118,9	2,4	3,5	3,0
Set ⁽¹⁾	1,43	1,93	3,36	162,8	202,0	364,8	14,3	31,0	24,5	61,4	169,6	120,5	2,4	3,5	3,0
Varição %⁽¹⁾															
No mês	1,1	1,0	1,0	5,2	-0,2	2,1	-0,7	-0,6	-0,6	1,9	1,3	1,6	0,0	0,0	0,0
No trimestre	0,5	3,0	2,0	3,7	6,2	5,2	-0,7	-0,7	-0,6	-4,0	-1,1	-1,8	0,0	0,2	0,1
No ano	-2,4	7,7	3,2	10,6	14,5	12,8	-0,4	2,0	1,3	-9,4	-0,3	-2,2	0,0	0,3	0,1
Em 12 meses	-0,9	11,3	5,8	10,9	14,1	12,7	-1,4	0,8	0,3	-2,8	-1,4	0,9	-0,2	0,1	0,0

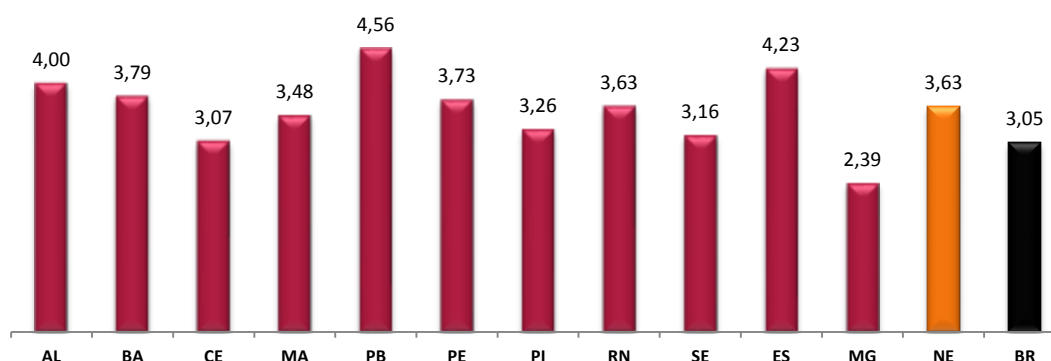
Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central. Nota: (1) Dados preliminares.

Tabela 2 - Variação (%) do saldo de crédito do sistema financeiro - Brasil e Regiões

País e Regiões	2015	2016	2017	2018	2019 (Até Setembro)
Norte	4,6	-2,2	2,4	7,7	7,4
Nordeste	5,0	-1,7	1,4	4,8	5,4
Centro Oeste	8,3	-0,8	3,1	8,9	6,1
Sudeste	8,1	-4,8	-1,9	4,0	1,1
Sul	3,3	-0,5	2,1	8,6	4,4
Brasil	7,0	-3,5	-0,5	5,0	3,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central.

Gráfico 1 - Inadimplência (%) no Brasil, Nordeste e Estados da área de atuação do BNB - Posição em set/2019



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central.

11 Índices de Preços

A variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) no Brasil alcançou -0,04% em setembro. É o menor índice desde 1998 (-0,22%). O resultado foi puxado para baixo pelos grupos Alimentação (-0,43%) e Artigos de residência (-0,76%), refletindo, no primeiro grupo, a queda dos alimentos consumidos em casa (-0,70%); foi o quinto mês de queda deste item. A alteração acumulada em 2019 atingiu +2,49%, e no acumulado dos últimos 12 meses ficou em +2,89% (Tabela 1).

O IPCA Nordeste fechou em -0,01%, em setembro de 2019. Neste mês, o índice regional também foi influenciado pela redução nos grupos Alimentos (-0,66%) e Artigos de residência (-0,22%). A alimentação no domicílio (-1,0%) influenciou o índice. Em artigos de residência, os destaques foram Aparelhos eletroeletrônicos (-95,0%) e Consertos e manutenção (-0,74%). No acumulado do ano de 2019, o índice regional atingiu +2,61%, enquanto no acumulado dos últimos 12 meses, a variação ficou em +3,20% (Tabela 1).

Em setembro, a inflação do Nordeste (-0,01%) ficou acima do índice nacional (-0,04%) e do Sudeste (-0,10%). Os demais índices regionais foram: Sul (+0,01%), Norte (+0,10%) e Centro-Oeste (+0,12%), vide Tabela 1. No acumulado de 2019, a inflação do Nordeste (+2,61%) superou a variação nacional (+2,49%) e de todas as outras regiões: Centro-Oeste (+2,05%), Sul (+2,28%), Norte (+2,49%) e Sudeste (+2,59%). O IPCA Nordeste no acumulado de 12 meses ficou em +3,20%, acima da média nacional (+2,89%) e dos índices regionais do Sudeste (+2,88%), Sul (+2,64%) e Centro-Oeste (+2,55%). O Norte (+3,55%) registrou variação acima do índice nordestino.

O índice de setembro para o Nordeste (-0,01%) decorreu das deflações em três capitais: São Luís (-0,22%), Recife (-0,09%) e Fortaleza (-0,08%), que compensaram os crescimentos em Salvador (+0,14%) e Aracaju (+0,05%). Fortaleza detém a maior variação no ano (+3,41%) e em doze meses (+4,06%). O grupo alimentação e bebidas, responsável por mais que um quarto (28,5%) do orçamento das famílias, somente não apresentou alta em São Luís (+0,07%). Seguem as variações nas demais capitais: Fortaleza (-0,81%), Recife (-0,93%), Salvador (-0,63%) e Aracaju (-0,58%). A média de preços no grupo Artigos de residência caiu nas capitais do Nordeste: Fortaleza (-0,09%), Recife (-0,55%), Aracaju (-0,21%), São Luís (-0,17%) e Salvador (-0,06%). Em São Luís, que detém a maior redução em setembro (-0,22%), os grupos responsáveis foram Habitação (-2,07%) e Transportes (0,66%), conforme especificado na Tabela 2.

No acumulado de 2019, os destaques foram os grupos Educação (+5,36%), Habitação (+4,49%) e Saúde e cuidados pessoais (+4,06%), que representam 31,6% do índice do Nordeste. Em Educação, a principal variação vem de cursos regulares (+6,40%), em que Aracaju (+9,38%), Fortaleza (+7,41%) e Salvador (+6,23%) registram altas. No grupo Habitação, Fortaleza (+7,57%) e Salvador (+4,51%) registraram as variações mais elevadas. Neste grupo, Energia elétrica residencial (+12,63%) obteve o maior incremento. As maiores variações ocorreram em Fortaleza (+19,26%), Salvador (+15,01%) e Recife (+11,69%). São Luís obteve deflação neste item (-1,39%). Serviços de saúde (+5,05%) registrou o maior acréscimo no grupo Saúde e cuidados pessoais, ficando com Recife (+5,73%) e Aracaju (+5,55%), as principais variações, vide Tabela 3.

As principais altas da inflação medida em doze meses, terminados em setembro de 2019, foram os grupos: Alimentação e bebidas (+4,53%), Educação (+5,57%), Habitação (+3,02%) e Saúde e cuidados pessoais (+4,02%), que respondem por 60,0% do total do índice regional.

O grupo Alimentação e bebidas, que tem o maior peso no índice regional (28,5%), obteve inflação de +4,53% no acumulado de doze meses, até setembro, sendo Alimentação no domicílio (+5,34%) e alimentação fora do domicílio (+2,61%). No domicílio, a maior contribuição verificou-se em Aracaju (+6,66%), seguida por Recife (+6,13%) e Salvador (+5,56%). As maiores variações vieram dos subgrupos Tubérculos (+71,28%), cereais, leguminosas e oleaginosas (+9,21%), Frutas (+10,70%) e Hortaliças e verduras (+9,23%).

No grupo Habitação do índice regional, em doze meses, o maior impacto ocorreu nos itens Taxa de água e esgoto (+8,57%) e Artigos de limpeza (+4,40%). São Luís (+22,29%), Fortaleza (+15,84%) e Salvador (+11,28%) registraram as maiores variações no primeiro grupo, enquanto que, no segundo, tem-se São Luís (+10,23%), seguido por Aracaju (+8,55%), que apresentaram as alterações mais expressivas.

O grupo Saúde e cuidados pessoais cresceu, principalmente pelo avanço em Serviços de saúde (+7,15%), sendo que em Recife (+7,90%), Aracaju (+7,53%) e São Luís (+7,52%) ocorreram os principais aumentos. O grupo Educação, que tem uma menor participação relativa (5,0%), teve a maior variação entre os grupos, em doze meses (+5,57%). As capitais com as maiores variações foram: Aracaju (+8,31%) e Fortaleza (+6,05). As principais altas nesse grupo ocorreram em Cursos regulares (+6,40%), onde Aracaju (+9,38%) e Fortaleza (+7,41%) apresentaram os maiores incrementos.

Tabela 1 - Variação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) no Brasil e Nordeste - Em % ⁽¹⁾

IPCA - Grupo Pesquisado	2014		2015		2016		2017		2018		2019	
	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste
Alimentação e Bebidas	8,00	6,80	12,00	13,40	8,61	10,00	-1,87	-2,58	4,04	3,51	3,56	4,54
Habitação	8,80	10,30	18,30	12,50	2,84	6,29	6,26	7,00	4,72	3,95	3,91	3,03
Artigos de Residência	5,50	5,50	5,40	5,20	3,41	5,87	-1,48	-3,23	3,74	3,38	2,39	1,04
Vestuário	3,60	2,90	4,50	3,20	3,54	3,94	2,88	3,31	0,61	1,11	0,80	1,33
Transportes	3,80	2,70	10,20	10,90	4,24	3,24	4,10	5,54	4,19	3,90	0,87	2,15
Saúde e Cuidados Pessoais	7,00	7,00	9,20	9,10	11,05	11,51	6,52	5,59	3,95	3,73	4,20	4,02
Despesas Pessoais	8,30	7,50	9,50	10,40	8,01	7,50	4,39	3,86	2,98	2,49	3,17	2,60
Educação	8,50	7,90	9,20	8,90	8,87	7,69	7,11	8,03	5,32	6,13	4,74	5,57
Comunicação	-1,50	-0,40	2,10	3,10	1,27	0,95	1,76	1,63	-0,09	-0,17	0,39	-0,22
Geral	6,40	6,00	10,70	10,40	6,29	7,19	2,95	2,55	3,75	3,40	2,89	3,20

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) A variação de 2019 refere-se aos últimos 12 meses.

Tabela 2 - Variação do IPCA - Capitais selecionadas, Regiões e Brasil - Em %

Região/Capitais	Peso Regional (%)	Variação (%)			
		agosto	setembro	Ano	12 Meses
Nordeste	15,89	0,02	-0,01	2,61	3,20
Salvador	6,12	0,04	0,14	2,32	3,05
Recife	4,20	0,01	-0,09	2,65	2,94
Fortaleza	2,91	0,33	-0,08	3,41	4,06
São Luís	1,87	-0,31	-0,22	2,06	2,58
Aracaju	0,79	-0,47	0,05	2,81	3,71
Norte	4,65	-0,17	0,10	2,49	3,55
Sudeste	55,37	0,18	-0,10	2,59	2,88
Sul	16,19	0,07	0,01	2,28	2,64
Centro-Oeste	7,90	0,04	0,12	2,05	2,55
Brasil	100,00	0,11	-0,04	2,49	2,89

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) Acumulado outubro/2018 a setembro/2019.

Tabela 3 - Variação do IPCA (%) no Nordeste e capitais no acumulado de 2019

IPCA - Grupo Pesquisado	Fortaleza	Recife	Salvador	Aracaju	São Luis	Nordeste
Alimentação e Bebidas	2,07	3,36	1,05	4,11	1,29	2,03
Habitação	7,57	2,99	4,51	3,45	2,98	4,44
Artigos de Residência	1,49	-0,56	-0,55	0,69	-0,90	-0,16
Vestuário	1,41	0,41	-0,79	-0,87	-3,16	-0,35
Transportes	3,64	2,64	3,37	-0,41	3,68	3,08
Saúde e Cuidados Pessoa	4,77	4,32	3,36	4,53	4,45	4,06
Despesas Pessoais	1,93	0,90	2,06	1,68	2,04	1,71
Educação	5,78	5,17	5,16	8,12	4,63	5,36
Comunicação	-0,96	-0,46	0,39	1,09	-0,71	-0,18
Índice Geral	3,41	2,65	2,32	2,81	2,06	2,61

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.